

Rev.

1123
1123



M.

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

PORTUGAL E BRAZIL

COMPRA
JUL 1939

Segundo anno

ABRIL DE 1860

R: 31.214

*Antonio José de Sa,
Engenheiro.*



I

LISBOA

TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA

Rua do Thesouro Velho, 6

1860

M.



1153

Rev.

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

PORTUGAL E BRAZIL

JUL 1880
COMPRAS

Segundo anno

ANNO DE 1880

F: 34244

Manuel de Albuquerque
Lisboa



LISBOA

IMP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA
Rua do Theatro Velho, 6
1880





Louisa gr

D. Fernando
F

Alonso 18

S. M. EL-REI O SR. D. FERNANDO

Lugar ao rei, clama o arauto no paço, quando o monarcha passa atravez da sua cõrte para ir tomar assento no throno; lugar ao artista dizemos nós, designando um nome para a nossa galeria. Para artistas e para escriptores, para homens de sciencia e para estadistas, para o talento e para a intelligencia finalmente, é que ella se fundou. Se ha um homem a quem o nascimento proporcionou uma corõa; mas a quem o proprio talento soube tecer outra; cumpre prestar-lhe a homenagem devida a ambas.

Eil-o pois, na nossa galeria! Eil-o entre os cultores da poesia e da arte! Eil-o entre irmãos! Já o estava. Tinha, como elles, lavrado com as obras o diploma. Tinha, como elles, enriquecido com a sua collaboração as paginas da *Revista Contemporanea*.

Por isso o retrato do rei devia estar, como hoje está, ao lado dos dois marechaes das letras, do nosso primeiro pintor, dos nossos mais distinctos poetas, dos nossos mais eminentes jurisconsultos, dos nossos eloquentes oradores, dos nossos provados homens de sciencia, dos nossos mais brilhantes prosadores, ao lado da illustração e do saber, do estudo e do genio. Em todos estes homens, são as obras que lhes deram a superioridade, legitimando-lhes a valia. Filhos do trabalho, engrandeceram-se por elle, e a elle deveram os postos e honras que a mesma tribu artistica e litteraria lhes distribuiu. Porque n'esta provincia das let-

tras e das artes tambem ha cathogorias e distincções. Conferem-n'as os livros, os quadros e os discursos. Não se decretam, ganham-se. Não se pedem, votam-se espontaneamente, e os votantes são a opinião, o suffragio, os applausos e o louvôr. Aqui é livre a urna, tão livre como o pensamento e a idéa.

A S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando pertencem-lhe iguaes honorarias porque as conquistou igualmente. Elle ha de conhecer, — e ainda bem, — que n'este tributo não ha da nossa parte sentimento de adulação para com o monarcha, mas sim de estima pelo artista.

Dito isto, tracemos singelamente, como só permite o mau aparato da nossa penna, o perfil do rei e do artista.

Deixando a terra do seu berço, que foi a Allemanha, paiz que tambem foi berço de Humboldt, de Meyerbeer e de Henry Heine, paiz onde o talento é tão prodigo na elevação como o é na profundez, deixando a Allemanha repetimos, nos primeiros annos da sua mocidade, veiu a Portugal afim de realisar o seu casamento com a Sr.^a D. Maria II. Na esposa achou o Sr. D. Fernando um modelo de virtudes. O amor que ambos haviam sonhado distantes, ao aproximarem-se sentiram-n'o accordar, e mais engrandecido ainda. Ao affecto da esposa só mais tarde conheceu um rival: deu-lho a mãe. Filhos e marido viveram-lhe sempre unidos no coração. Era a mesma imagem que se reproduzia; eram iguaes thesouros de ventura que se dilatavam. E quem melhor que El-Rei o Sr. D. Fernando, havia de comprehender as suaves e santas aspirações d'aquella alma. Não lhe tinha sua virtuosa mãe ensinado a admirar taes sentimentos? É facil suppôr a nobre elevação d'aquella alma que o sangue hungaro ainda aquece! Quem pronunciou nunca o nome de um filho d'esta infeliz e heroica terra sem soltar uma expressão de sympathy!

Depois S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, achou na mãe de seus filhos o espelho do que fôra a sua. Se pertencia á intelligente casa ducal de Saxe-Coburgo-Gotha, que sabe tornar seus filhos não só bons principes, mas verdadeiros homens, alliou-se a uma senhora que professava as mesmas idéas. A actual casa de Bragança não inveja, n'este ponto, as primeiras dynastias do mundo.

Chegou um dia — dia de lucto e tristeza, em que a dôr do rei reflectiu na face do povo. Dôr que dura ainda, e que nunca mais saiu do coração dos portuguezes.

Perdêra o rei uma esposa virtuosa; e o povo uma mãe disvellada.

A saudade que ainda floresce no tumulto da Sr.^a D. Maria II é o melhor epitaphio que é dado lavrar.

Silencio pois diante da triste e mimosa flor!

Este acontecimento levou S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando a tomar conta da regencia, segundo as leis do reino até á maioridade de seu filho, que a cumpriu em 16 de Setembro de 1855.

Durante a regencia S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, soube augmentar ainda mais o prestigio que tinha geralmente conquistado. Foi modelo de reis-constitucionaes em todos os seus actos, deixando, o que não é vulgar e raros exemplos se apontam, as mais gratas e lisongeiras impressões do tempo da sua regencia. Bondoso e affavel, conciliador e dedicado, todas as suas acções mostraram-se de accordo com estas apreciaveis qualidades do seu character.

Depoz o sceptro como o havia tomado, sem uma ambição, sem um inimigo.

Desde esse momento pôde S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, dedicar-se mais desafrontadamente aos seus trabalhos artisticos.

A vida independente do artista que nunca deixára de o preocupar durante a sua missão de rei, podia emfim effectual-a. Terminaram alli deveres que serviam de obstaculo ao cumprimento das suas predilecções. O mundo alargára os horisontes ás suas aspirações. Era uma nova existencia que o esperava.

S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, tem hoje, entre nós, a maior popularidade. Vê-se no sorriso com que o povo o acolhe, quando elle passa. Vê-se na alegria com que o artista o sauda. Vê-se na sympathia geral que inspira.

E como não ha de ser assim.

S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando preza o talento e a illustração acata a intelligencia e o estudo, respeita o genio e o saber. Todas as manifestações d'estes altos dons do espirito, encontram no regio artista um protector disvellado e um entendido admirador. E não cuidem que é necessario reclamar esta protecção ou solicitar o voto de admiração, se é merecido. Sabe de tudo que diz respeito a lettras e artes por que tudo indaga, conhece tudo, porque tudo lhe interessa; e a prova é que raras vezes ignora a existencia de uma obra mesmo antes de acabada. A curiosidade accode-lhe espontanea e quasi sempre ao empenho segue-se a realisação. No *atelier* do pintor nacional não é extranha a presença do rei artista, e á honra de visita junta a valia dos conselhos:

Cabem aqui as palavras do nosso eminente poeta, o Sr. Antonio Feliciano de Castilho:

«Completo Allemão e completo Portuguez n'um só individuo.»

II

Em todas as festas artisticas e litterarias a presença de El-Rei o Sr. D. Fernando é infallivel.

Annuncia-se uma exposição de Bellas-artes, lá se vé o regio cultor, e no dia seguinte os melhores quadros pertencem-lhe. Sóbe á scena um drama original portuguez e na primeira representação lá se encontra, animando com as suas palmas a vocação nascente ou o talento provado. Apparece um artista notavel na nossa terra, um Listz, uma Alboni, um Thalberg, uma Stoltz, uma Ristori, lá se apresenta, applaudindo-os enthusiasmado, acolhendo-os nobremente.

À frente do publico illustrado e intelligente que frequentou effectivamente as recitas da eminente tragica Ristori, notou-se sempre S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando. Assim era de esperar uma vez que aquella phalange, pequena no numero, mas grande em valor intellectual, compunha-se de homens de letras e de artistas, de homens de sciencia e de poetas. Os satellytes eram todos dignos do astro que no meio d'elles resplandecia.

Cumpra aqui registrar para completo louvor do Sr. D. Fernando que os mesmos estimulos com que anima os artistas estrangeiros brinda os nacionaes. O beneficio do actor portuguez nunca é por elle esquecido. Tem até extrema affeição pela véa comica do Taborda, e aprecia muito o talento da Emilia.

A musica é uma das mais pronunciadas e intimas predilecções de S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, além de tambem ser n'elle uma vocação. S. Carlos conta poucos *dillectante* tão enthusiasmas e tão conhecedores. Todas as operas lhe são familiares e todos os maestros conhecidos. O theatro lyrico que é a sua mais appetecida distracção, serve-lhe tambem de estudo. É talvez o nosso melhor critico nacional. Nada o extasia tanto como um trecho cantado com correcção e mimo, e sabe avaliar todos os primores. O seu juizo sobre um cantor é sempre exacto, e para o formar basta ouvil-o uma vez. Reappareceu ultimamente um barytono na scena lyrica e logo no dia seguinte á primeira recita, El-Rei o Sr. D. Fernando, disse: é um cantor perdido. E não se enganou.

N'um filho da Allemanha, não admira vér, como em todos os seus compatriotas, um excellento musico. Além d'isso, S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando possui uma bella e poderosa voz de bary-

tono, que tem sabido cultivar esmeradamente, tornando assim facil a interpretação dos mais difficeis trechos quando a visita de alguma illustre cantora lhe facilita occasião de os excutar. São instantes estes de verdadeiro prazer para o real artista.

Pedindo venia ao eximio cantor da *Primavera*, citaremos mais algumas palavras suas, que são além de palavras auctorisadas, palavras que resumem a melhor de todas as apreciações.

«E que ha em verdade mais para vér, mais para louvar, do «que um principe, que soube redemir-se dos cépos e cadéas da «ociosidade, a que a desgraça, sob alcunha de fortuna parecia «havel-o condemnado! que descubriu em si uma alma, que ou- «sou querer manifestal-a, que advinhou em mãos reaes um pres- «timo, mais subido, que o de empunhar sceptros, o de trabalhar! «e que por fim, intendeu, que, se a gloria de porvir de uma «longa serie de avós era alguma coisa, era só, quando o herdeiro «de seus nomes se tornava n'essa arvore velha um ramo fructi- «fero; e que, para que os loiros do berço houvessem de ir re- «verdecer no tumulo, era mister cultural-os pelo discurso da «vida.

«Filho da boa terra allemã, tão fecunda em varões; creado lá «aos peitos de todas as virtudes, e não tendo para as aprender «mais do que relér a historia domestica; doutrinado, em todas «as coisas massicas e proveitosas, por mestres que reputavam a «sciencia pelo primeiro dever do homem depois do da moral; «tal saiu o pae de nossos futuros principes, que a realza ficou «sendo o minimo dos seus lustres »¹

Os primores de educação a que allude o grande poeta, manifestam se prodigamente em S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, que falla sete linguas, que é musico distincto, gravador cheio de originalidade, e mostra-se igualmente versado na pintura e na esculptura. Do esculptor ha uma estatua equestre do *Marechal de Rantzau*.

Já dissemos uma vez que S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando tem sido para Portugal o que o duque d'Orleans foi para a França. N'estas duas vidas ha muitas paginas iguaes. A mão protectora que o principe real estendeu ás vocações artisticas do seu paiz, abriu-a igualmente o rei portuguez. Tão desenvolvido tinha aquelle o sentimento da arte, da belleza e da fórma, como o revela este. Ingres e Ary Scheffer reconheciam-n'o então, como hoje o reconhecem Annunciação e Mettrass.

¹ Este artigo do sr. Castilho intitulado *O Rei dos Artistas*, foi publicado na *Revista Universal*, de 11 de novembro de 1841.

Só n'uma coisa divergem inteiramente os dois principes. É na paixão pela musica. Em S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando é a que exerce mais dominio; no duque d'Orleans era a que menos imperio tinha.

A este respeito conta Jules Janin, a seguinte anecdotia:

«Uma noite, na opera, tive a ventura de encontrar o principe real. Saía do seu camarote na occasião em que Nourrit ia cantar a sua aria.—Ah! Senhor! lhe disse eu, V. A. não tem direito a sair do seu camarote em quanto Nourrit não acabar de cantar!—Calluda! me replicou elle. E eil-o que volta para dentro do camarote, no momento em que a aria principiava.»

N'este flagrante delicto musical ninguem decerto apanhava S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, em noite de opera cantada pela Alboni ou pelo Fraschini.

Depois da musica é á gravura que o real artista dedica parte do seu tempo. Imaginação fertil e caprichosa, original e viva, as obras seguem-se e multiplicam-se com extraordinaria rapidez.

Recommendam-se os seus desenhos pela espontaneidade e segurança do traço. Passeando ou conversando, inventa e executa, copia e reproduz, sobre a lamina, o que a inspiração lhe suggere, ou o que a observação lhe denuncia. Raras vezes prepara esboço, e a natureza é o seu modelo preferido.

Na *Gazette des Beaux-Artes*, publicou-se ultimamente uma bella apreciação do real gravador, acompanhada de dois fac-similes dos seus desenhos. Um d'elles que se intitula *Le Chat Murr* é delicioso e rico de originalidade. A cercadura que ornamenta o quadro é toda composta de gatos em diversas e variadas posições, sendo para notar, como nota o escriptor francez, a verdade da mimica de todos aquelles animaes, e accrescenta:

«Le roi aime évidemment les animaux; il en a copié beaucoup d'après les mattres, il en a dessiné plus encore d'après nature. Il excelle à composer avec des enguirlandements de bêtes imaginaires ou réelles, ces jolis cadres dans le goût de Neureuther, qui fut l'Hoffman de la peinture. Schnor, dans la salle de Niebelungen, et Cornelius, à la Pinacothèque, n'ont pas dédaigné ce genre d'illustration qui convient merveilleusement à l'esprit capricieux de ces fumeurs et de ces buveurs de bière. Le prince a suivi l'exemple des mattres de son pays: il se plaît à ses bordures pleines de caprices. Là revivent tous les rêves fantastiques d'un cerveau qui dort éveillé. Sous le magique crayon s'agitent, jouent, mangent, font l'amour et s'escriment les homuncules, gnomes et lutins dont la terre d'Allemagne est peuplée. Ces petits êtres animés d'une vie fiévreuse, pleins de passion,

«désordonnées veulent une imagination déliée et une main habile pour les faire mouvoir. Ils tournent facilement à l'absurde; «s'ils ne sont charmants, ils sont grotesques. Eh bien! tous ceux «du roi sont charmants, parce qu'ils se tiennent dans la limite «parfaite du rêve e de la réalité, parce que leur mimique est exacte, parce que leurs passions sont humaines. Quelquefois, un «simple trait, dessiné sur la bordure d'une grande composition «indique combien le royal artiste a peine à retenir son humeur «sur le penchant du fantastique.»

É verdadeira esta analyse e põe em relevo o principal merito do real artista, que prima inquestionavelmente n'estes graciosos devaneios da fantasia. N'este mesmo jornal já os nossos assignantes tiveram occasião de vér provado o que aventuramos.

S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando tambem maneja, e com felicidade, o lapis da caricatura. Para se calcular quanto podia ser temivel n'este genero, basta vér algumas tentativas que ensaiou. Não ha todavia perigo, porque a sua natural bondade e delicadeza não lhe consentem usar da arma satyrica contra ninguem. E a prova foi que as vezes que a empregou, dirigiu-a contra si.

As gravuras a agua forte de S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, contando assumptos de sua composição e copias de quadros, sobem hoje a perto de cem. As melhores são as que representam animaes. Estuda-os na natureza e nas obras de Berghem, de Paul Potter e de Karel Dujardin.

A gravura aprende-a e observa-a nos volumes e volumes que possui dos gravadores mais celebres, sendo para consignar os nomes de Albert Durer, — Hollar, — Schmidt, — Rembrandt, — Della Bella, — Gotzius, — Van Ostade, — Landseer. — Waterloo, — Calot, — Nanteuil, — e G. Edelink.

III

Os quartos de S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, no palacio das Necessidades formam um variadissimo e esplendido museu. Alli o bom gosto está a par da magnificencia. Alli agita-se e alvoroça-se o espirito entre a contemplação do bello e do maravilhoso. Alli, segundo a expressão do real artista, esquece-se o mundo e os seus folguedos, as mulheres e os seus attrativos, a vida e as suas agitações. Alli, no centro d'aquellas sublimes creações do genio e da arte, só vibra um sentimento, o sentimento da admiração.

Logo á entrada n'um extenso corredor, que á noite se trans-

forma n'uma sumptuosa galeria, brilhantemente illuminada, encontram-se logo quadros de subido valor, sobresaindo quatro quadros pequenos do pintor hollandez De Larive, a *Morte de um official*, do pintor allemão Dietz, dois quadros de batalhas de D. Strop, e *Um avarento*, de C. Choné. Ha tambem para mencionar n'um gabinete contiguo um quadro de Spagnoletti, duas estatuas equestres allegoricas de Pradier, Bronzes de Méne, um Christo crucificado de buxo, obra de arte notavel, e um quadro de escravas (tamanho natural) de Jacobs.

O antiquario não podia deixar de existir em S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, sendo, como é, artista em tudo, e devido aos esforços do antiquario, centenares de objectos, adornam as paredes, estantes e mesas dos seus aposentos, juntando a loiças de valiosa antiguidade, procelanas de Saxonia e de Sévres, vasos japonezes e indios, e dois vasos etruscos, presente do papa, vasos admiraveis e de grande preço.

Torna-se tambem notavel e captiva a attenção um bello quadro de Teniers.

A pintura em vidro que é hoje uma arte esquecida, póde admirar-se em tres janellas de um gabinete, que são tres maravilhas, encerrando as melhores e mais raras, como se observa das datas que se lêem em alguns quadros, e que são 1520, 1549, 1601 e 1588 (época esta a mais florescente da arte.)

Que trabalho e que tempo não empregaria S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando em pesquisas e investigações, para conseguir juntar vidros sufficientes para completar aquellas janellas? São difficuldades estas que o oiro não vence logo; o prazer do rei é por isso maior.

A sala d'armas que o regio artista estabeleceu ultimamente, sob a sua direcção, como tudo mais, é um primor de gosto e riqueza.

Vamos até descrevel-a, para satisfazer a curiosidade que advinhamos haver despertado no leitor.

Cinco armaduras completas estão collocadas de pé em torno da sala, e todas são de differentds épocas. Guarnecem as paredes tropheus de armas de todos os paizes e de todas as idades. Nos dois angulos da sala ha duas estantes: um encerrando as mais raras espingardas, taes como indianas, aràbes, hespanholas e americanas; a outra alabardas, mosquetes e armas da mais remota antiguidade. Quatro enormes jarras do Japão rodeiam o fogão. No centro da sala um grande vaso de procelana, elegante e rico como não é facil imaginar, que esteve na exposição de Londres, e foi depois enviado de presente a S. M. El-Rei o Sr.

D. Fernando pela rainha de Inglaterra. Em cima do fogão está um capacete de prata, todo trabalhado em baixo relevo, copia de Benvenuto Cellini, e cujo original existe no Louvre. Ao lado uma espada de caça, figurando a bainha e o Punho que são de marfim, uma caçada dos ursos primorosamente executada em baixo relevo. Do outro lado uma trombeta de caça tambem de marfim, mas alliando ao subido valor artistico o valor historico, pois era de Francisco II. Entre os escudos que os ha alli da mais alta estimação pelas datas e pelo feitio, torna-se notavel um escudo de aço lavrado representando a guerra de Horacius e Curiacius, sendo tudo que é desenho embutido a oiro.

Na parede principal da sala, e como para lhe completar a deslumbrante magnificencia ostenta-se o bello e grandioso quadro de Holbein, quadro raro e authenticico, e que foi dado em arras por Carlos II a Catharina de Portugal.

Resta-nos agora fallar do gabinete particular de S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, onde se acham reunidas as obras primas da arte e do genio. E se não vejã: um quadro de Rubens, outro de Gérarduff; um quadro de fructas de Gabriel Salci, outro de caça de J. Fyt; e um quadro de grande merecimento, parecendo uma miniatura a oleo, no genero de Hemeling.

São cinco quadros que valem uma fortuna! A venda d'elles transformava em Cresco qualquer litterato de um dia para o outro!

N'esta breve e rapida exposição, citámos unicamente as obras mais salientes. Mencionar-as todas era não só impossivel, mas deslocado n'este lugar. Dizendo pois, que nos vastos aposentos de El-Rei já não ha espaço para collocar mais quadros, torna-se facil o numero fabuloso d'elles que lá existem.

Além de uma aguarella de Sequeira *A descida da cruz*, de alguns quadros flamengos, de muitos francezes, italianos, inglezes, allemães, e hollandezes, de varios artistas que a sua vida aventurosa trouxe de passagem a Portugal, encontram-se alli quasi todos os trabalhos dos pintores nacionaes, mostrando nas datas os progressos, e provando que ao real artista devem, Anunciação, Metrass, Leonel, Christino, José Rodrigues, Victor Bastos, Rezende, e Sousa, essa nova pleiada de esperançosos talentos, todo o estimulo e toda a protecção, que os animaram a proseguir na carreira a que se haviam dedicado. Na gloria que o futuro possa conceder a estes artistas, pertencerá um quinhão a El-Rei.

Falta ainda consignar n'estas paginas mais um exemplo do gosto artistico de S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando. A obra, sabe-

mos que é conhecida dos nossos leitores, a quem estas linhas irão avivar os deliciosos instantes que passaram a contemplal-a. Referimo-nos ao Castello da Pena, em Cintra, uma das maravilhas de Portugal, e talvez sem rival nos outros paizes.

É um monumento que ha de ficar attestando o titulo de rei-artista que lhe deu um grande poeta, e que o coração do povo acolheu e proclamou.

ERNESTO BIESTER.

A RENASCENÇA E O MOSTEIRO DA BATALHA

(Fragmento de um livro inedito)

A realesa moderna começa a desenhar-se no grandioso vulto de D. João I. Elevado ao throno pela eleição popular, representando, por esse facto, as idéas de liberdade, que a idade media havia produzido, em seculos de luctas sanguinolentas, e pelas quaes nunca o feudalismo poderá constituir-se em Portugal com as formas oppressivas que assumira no resto da Europa, elle inicia o mais brilhante e glorioso periodo da historia portugueza.

O Alfageme de Santarem vaticinando a Nuno Alvares a sua futura grandeza, a padeira de Aljubarrota matando com a pá sete castelhanos, os rapazes de Coimbra saudando na sua entrada o Mestre de Aviz com o titulo de Rei, legendas em que se espraíam as candidas crenças do povo, que ou se acceitem como factos historicos, ou como mythos poeticos, revelam realmente o sentimento nacional, e as generosas aspirações d'essa revolução popular, que firmou a nossa independencia, em nome do direito social, e que poderia tornar-se o fecundo preludio da realesa representativa e democratica, se o despotismo do Estado e da Igreja, que começa no reinado de El-Rei D. Manoel, não viesse adormecer o paiz n'uma esteril servidão de tres seculos.

Em quanto na Europa, n'aquella época, o Evangelho, interpretado pelo mysticismo monastico, aconselhava o homem a fugir das tentações do mundo, o Evangelho, que o heroismo dos povos peninsulares proclamava, inspirava-lhe o sentimento de o propagar, de combater, de morrer por elle.

Quando o illustre historiador, gloria das lettras portuguezas, põe na bocca de Affonso Domingues, no seu romance *A Abobada*, a idéa de que Santa Maria da Victoria era a nossa *Divina Comedia*, cantico da alma do artista, e que para entender o pensamento do mosteiro cumpria ser portuguez, ter vivido com a revolução, que poz no throno o Mestre de Aviz, ter tumultuado com o povo defronte dos paços da adultera, exprime com profunda penetração o que para a historia e para a nossa civilisação representa esse grandioso monumento que inaugura uma nova era nacional.

Santa Maria da Victoria é um dos ultimos monumentos da mediadade na Europa. Em 1420, pouco mais trinta annos depois d'elle se começar, Brunelleschi reúne aquelle famoso congresso de artistas, que decide que a cupola transformada do Pantheon romano deve pôr remate á magnifica cathedral de Santa Maria del Fiore. É o triumpho da arte da renascença sobre a arte gothica, é o genio da antiguidade, por tantos seculos proscripto, resuscitando n'um prodigio de inspiração e de sciencia. A maçonaria de artistas, que adoptando a ogiva arabe e persa, dominára nas lojas maçonicas de Colonia e de Strasburgo, é invadida nos seus misteriosos dominios, e em breve succumbe n'esta luta desigual. A Italia applaude com entusiasmo, a sua audaciosa innovação, e annos depois quando perguntam a Miguel Angelo onde desejava ser enterrado, o grande artista responde: N'um lugar, onde eu possa eternamente contemplar a obra de Brunelleschi.»

O Mosteiro da Batalha é a nossa *Divina Comedia*. Os instinctos sociaes, as aspirações, os sentimentos que durante os primeiros seculos da monarchia dominaram o espirito do paiz, os presentimentos de um glorioso futuro, a renovação politica que vai transformar os nossos destinos, e dar principio a essas emprezas, que deviam alargar os limites do mundo, parecem estar escriptos nas columnas, nos arcos, nos paineis que ornarn o magestoso edificio.

O Mosteiro da Batalha é uma creação espiritual e material, é um poema, que se não desenvolve apenas nas regiões abstractas do pensamento, mas que se incarnou em pedra, para que os olhos de um povo inteiro o contemplem, para que possa traduzir o renascimento da nossa nacionalidade, que se funda pela religião e pelos combates. Hymno de louvor a Deus, que resoa ainda, quando o braço empunha a espada e os olhares illuminados pela embriaguez da victoria fitam os campos semeados de cadaveres, e o tropel dos inimigos, fugindo ao longe, fulminados pelo terror do nosso varonil esforço.

A *Divina Comedia* do Dante, poema historico e politico, poema religioso e philosophico, nas suas visões mysticas, nas suas viagens allegoricas, revelando as luctas civis da Italia, lavra ao mesmo tempo um solemne protesto contra o dominio temporal de Roma: proclama

o direito fundamental da sociedade para se emancipar da tyrannia religiosa e intellectual da Igreja, e constituir-se pelo imperio.

Paixões e idéas, dores e prazeres, vícios e virtudes, todos os diversos sentimentos que agitam a alma do homem, tem voz n'esta immensa épopeia. A *Divina Comedia* cria n'um arrojado de suprema inspiração, a lingua italiana: se a patria não pôde resurgir na unidade social e politica, pôde celebrar as suas esperanças e deplorar os males que a opprimem n'esse magestoso e encantado idioma, ecco desvanecido da grandeza romana, e que aponta aos povos dilacerados pelas discordias a consoladora idéa de uma futura reconciliação n'uma Italia formosa e radiante, como a imagem de Beatriz adejando no Paraizo no meio dos anjos e archanjos.

O Mosteiro da Batalha é a imagem de uma nacionalidade, que se sente robusta e potente e que se consolidou pela victoria, e pelo entusiasmo popular.

A *Vita Nuova* que o Homero italiano sentia em si mesmo, nunca pôde communicar-se á Italia, nem regenerar a religião nacional, arrancando-a da servidão espirital de Roma.¹ A *Vita Nuova* revelada pelo templo de Santa Mariã da Victoria illumina os campos de Aljubarrota e triumpho com a *Ala dos Namorados*, para depois repetir os cantos entusiasticos que celebram a conquista de Ceuta, e as primeiras expedições maritimas, que hão de engrandecer as acanhadas proporções do mundo da idade-media, approximar a renascença oriental da renascença grega e romana, e revelar á humanidade o infinito da criação, nos milhões e milhões de mundos que gravitam na amplidão incommensuravel do espaço.

A *Divina Comedia* é um poema, que encerra, n'um vasto quadro todas as tendencias, todos os instinctos da época. As paixões e costumes, as doutrinas e controversias, desde os problemas da escolastica até ás noções confusas do systema do mundo, tudo nos expõe n'aquelle estylo nervoso e ardente, de uma sobriedade vigorosa e arrojada, que mais se approxima da plastica que da pintura, e cuja viril energia se communica ao espirito no som austero de palavras, que vibram como uma ameaça, que rugem como os brados de cólera e de vingança, na vertigem das revoltas.

O Mosteiro da Batalha resume tambem na sua elegante e singela construcção as aspirações nacionaes, no momento solemne em que a patria se emancipa e se completa. A Igreja representa a fórma de uma

¹ Para se comprehender esta analogia é necessario observar que hoje os commentadores modernos do Dante entre outros M. Witte, critico allemão e M. Fauriel supõem que as *opere minori* de Dante, a *Vita Nuova* e *Convito* são uma especie de introdução á *Divina Comedia*, e que as tres obras bem examinadas compõem um todo.

cruz; é essa a religião e a philosophia, a lei que vive, que inspira a alma do povo. As discussões theologicas, as pugnas dialecticas de S. Bernardo e Abeillard, de S. Thomaz e Duns Scott, não invadiram a Peninsula, porque a actividade social absorvia-se n'uma continua cruzada contra os inimigos da fé. Cria-se com fervor na Lei de Christo, combatia-se e dava-se a vida por ella.

A sobriedade de ornatos e labores, o severo e simples do estylo, a unidade do pensamento, que se demonstra no edificio primitivo antes de se começarem o que se denominam capellas imperfeitas, a ausencia de nichos e peanhas que venham interromper a lisura das muralhas, o esbelto e aereo dos fustes, que se prolongam desde as molduras dos vasos até ao ornamento singelo e delicado dos ligeiros capiteis que os coroam, sem que nada se colloque de permeio no seguimento uniforme da sua altura¹ tudo corresponde na ordem religiosa e politica ao estado d'essa sociedade, cujas crenças eram realmente unanimes, e acabava de se reconciliar n'um sentimento commum de patriotismo. Murphy, sem penetrar naturalmente os motivos que tornam a Batalha um monumento differente dos outros monumentos da idade-media, no prefacio que publicou da *Planta Geral* do edificio, apresenta observações que bem claramente indicam que o Mosteiro da Batalha obedece ao pensamento de unidade politica, que a revolução popular consagra na aclamação de D. João I.

«Na igreja d'este mosteiro não se observam nenhuma d'aquellas superfluas e ridiculas esculturas, que mui frequentemente desfeiam os outros edificios gothicos; n'este são os ornatos empregados judiciosamente, e com parcimonia especialmente no interior, que é *natural por sua casta e nobre singelesa, sendo o grave e sublime effeito, que produz derivado não de ornatos meritercios, mas sim do intrinseco merito do desenho.*» E n'outro lugar: «Mostra ô todo d'este edificio uma correção e regularidade, que evidentemente se conhece ser o *resultado de um bem concebido desenho original*: e é igualmente evidente, que o *desenho foi invariavelmente seguido e executado em progressão regular* e sem as alterações e interrupções, a que ordinariamente são sujeitos os grandes edificios.»

(Continua.)

A. P. LOPES DE MENDONÇA.

¹ Memoria inedita ácerca do edificio monumental da Batalha por Luiz da Silva Mouzinho de Albuquerque.

SALVADOR E MAGDALENA.

Magdalena e Salvador, não se encontraram senão duas vezes. N'esse intervallo, reside o romance de toda a sua vida!

Ao avistarem-se da primeira vez, tudo parecia dizer esperança; ao separarem-se, parecia tudo dizer amor! Ai! de mim! Da segunda vez que se juntaram, quasi um anno depois, já se sentia o desgosto no olhar luctuoso que acompanhou as raras phrases que trocaram, e ao apartarem-se, — d'essa vez, que foi a ultima! havia tristeza no ar, e respirava-se morte!

Esta historia é a mais singela, a mais innocente, a mais natural do mundo, e todavia a mais inacreditavel d'elle: é a historia de dois amantes,... em que nenhum d'elles era enganado pelo outro!

Erro infinito do amor, que se esquece ás vezes de ser verosimil, descuidando-se.... até ao sublime!

Nos fins do inverno de cincoenta e oito, n'um dos ultimos bailes do Club, Salvador, que principiava a enfastiar-se, resolveu dançar. Formava-se uma quadrilha, e o mancebo espalhou a vista pela salla, com a caracteristica expressão de um homem que não sabe onde fixar-se. Ouviu então uma voz possante e nervuda, de uma affectação requebrada, presumida, e ridicula, que lhe disse:

—Procura-me, sr. Salvador?

O mancebo inclinou-se diante da baroneza de Villa Marim, senhora de trinta annos, se é que não tinha cincoenta: d'estas mu-

lheres sem idade, cujo typo viril desmente o encanto do sexo amavel: alguma coisa da masculina Sapho, sem o olhar inspirado da poetisa de Lesbos: phisionomia dilatada, diffusa,... prolixa: pelle bexigosa, como uma carta geografica: ares presumpcosos de uma creatura que nasceu burgueza e donzelona, que a fortuna procurou debalde tornar aproximavel, e que se fez beata, dando-se a Deus por não achar peccador a quem se dêsse! Salvador estremeceu, á idéa de ir dançar com este enxerto de tambor-mór!

— Procurava-a, sim! respondeu, aproveitando uma inspiração. Ia pedir-lhe para fazer companhia a minha prima, durante esta quadrilha que vou dançar com minha irmã!

— Impossivel! retrucou a *virago*, no seu tom intrepido. Estou acompanhando esta minha amiga, que se obstina a não dançar esta noite!

Salvador voltou a vista para uma senhora, que se achava, effectivamente, ao lado da sua interlocutora, e, Deus santissimo! dir-se-hia que renasceram n'esse instante as paixões subitas, que com as xacaras e balladas pareciam haver fugido da terra! O seu olhar fixou uma pallida fronte de mulher, cuja phisionomia, de expressão serena e poetica, promettia á alma um mundo ignorado de impressões e de segredos!

— É a senhora condessa de Foyos, a quem tenho querido apresental-o tantas vezes! Lembra-se? disse a granadeira com os seus ares pomposos.... de guarda de honra!

Salvador, sacrificado por esta grosseria, mordeu levemente o bigode:

— Senhora condessa, disse depois, sinto agora o que houve de imprudencia, em não ter adivinhado mais cedo de que prazer seria para mim, ganhar o conhecimento de V. Ex.^ª!

A condessa inclinou levemente a fronte, com uma expressão delicada, suave, e affavel. Era uma phisionomia de mulher que soffre, em que se desencerrava uma alma expansiva que tinha necessidade do infinito, devorando-se em sonhos febris e perigosos no centro d'esta sociedade de cifras, que só cuidava de lhe averiguar a fortuna!

Salvador trocou com a condessa, algumas simples phrases. Que foram simples, é certo: se triviaes, não sei; é de crer que não, porque ambos elles,— diga embora o leitor que isto é absurdo, falso, incrivel! porque ambos n'um rapido sentimento de attracção adivinharam que iam amar-se. E as palavras, por estas occasiões, são de um valor, de um alcance, de um futuro, Deus piedoso! É a tibia hesitação do amor, que não nos deixa nunca di-

zer tudo, e refere mais do que tudo que dissessemos! A cada phrase balbuciante e tenue, não respondem então os olhos, mas o coração.... E não é a curiosidade, e não é o desejo.... É a esperança! é o exordio do amor!...

De que fallaram elles? Para que, dizel-o, se falta o olhar e a voz que o estylo não póde dar! Disseram qualquer coisa. Phrases de baile: phrases em que o intervallo é tudo; porque os silencios, então, dizem mais ainda. Que dois olhos, seductores de luz e de fogo, os da condessa! Que cabellos negros e magnificos, em roda da sua mascara de marmore! Que nobresa, no perfil distincto e altivo n'essa fronte graciosa! Pallida e serena, fixava a vista n'aquelle turbilhão de gente avida de *Lanceiros*, de sorrisos, de apertos de mão, de dialogos de instante, — felicidade, que ao primeiro alvor da madrugada empallidece como a luz do gaz! Depois, baixava ainda mais o olhar e pregava-o vagamente n'um e outro objecto, com a expressão sincera de uma alma melancholica que se esquece das vaidades do mundo. Desconfio muito dos olhos, que, á falta de Ceu, procuram o tecto e se contentam em o fixar!

A musica devia produzir-lhe alguma grande commoção, porque parecia fascinal-a mergulhando-a no somnambulismo; as feições illuminavam-se-lhe por uma luz interior, e os seus labios encetavam um vago sorriso, como uma bocca adormecida que sorri ás visões de um sonho.... Creio que, n'essa hora, o mundo desaparecia para ella, e, se a salla do Club se devorasse n'um incendio, continuaria a arrolar-se nas ondulações da harmonia, até que a chamma viesse queimar-lhe o gaze das suas mangas....

A concorrência era extrema. Estava reunida alli a elegancia mais pura á nobreza mais antiga. Realezas acatadas pela belleza, ou pelo espirito: celebridades de todos os generos: illustrações, cujo direito de imperio nasce do brilho dos olhos, do alvejar dos dentes, do negrume de cabellos, da áirosidade de fórma, do encanto de conversação, ou da melancholia insinuante de um silencio que se deixa adivinhar. Um paraiso de mulheres, de musica, e de flores!

No meio d'este baile, a apparição da condessa tinha alguma coisa de singular. Á semelhança das flores de um *bouquet*, as senhoras n'um baile, quando a concorrência é immensa, não podem todas saltar tanto ás vistas: méscam-se os lyrios e as rosas, ainda que a pallidez de uns perto da rubra cór das outras deva engrandecer-lhes a belleza. E todavia, a condessa distanceava-se e era vista. Seria por frequentar raramente a sociedade, por viver affastada d'ella, e alcançar n'essa noite os triumphos da no-

vidade? Accusava o seu vestuario as pretensões excentricas da provincia, quando tenta fazer-se notar em Lisboa? Ou era a sua belleza de um tão especial assombro, que prendesse o olhar, attraíndo-o, no instante em que a fixavam? Não sei, se era mais formosa; sei, que era differente das outras: sei, que havia especialidade, originalidade, singularidade, n'aquella fronte que recordava o genio grego!

Dois annos antes d'esta noite, a condessa soffrêra o duplice golpe da morte de seu pae e de uma irmã. Sob o peso de um desgosto profundissimo, fôra procurar refugio para a companhia da duqueza d'Eyras, que ainda era sua parente e amiga constante da sua familia. A casa da duqueza era em Miragaia, e a condessa deixou Lisboa desesperando talvez de encontrar um dia a felicidade! Durante a vida de seu pae, Magdalena sacrificára á obediencia filial a sua existencia e o seu destino, que o egoismo paterno affastára de todos os affectos que não se concentrassem na familia. Esta vida torturada, suffocada, afflicta, disfarçára-se apparentemente pelas graças de uma amabilidade de indole, que lhe davam o aspecto de uma creatura feliz. As lagrimas do desconforto e da angustia, soltavam-se-lhe apenas nas longas noites de insomnia, em que, a sós com Deus e a sua consciencia, parecia pedir perdão á sua alma da amargura a que tentava condemnal-a! No dia em que expirou seu pae, Magdalena tinha vinte e cinco annos, e, se para o espirito ha idade, o seu espirito... tinha trinta!

Não era a mulher que conhece a vida, mas a mulher que a divisára atravez de um veu de lagrimas! A desgraça é uma sciencia cruel, que tem o impio condão de nos fazer adivinhar tudo que ha na existencia de triste e de miseravel! A condessa que não conhecia o mundo, adivinhou o mundo e creou-lhe medo: no dia em que seu pae lhe faltou, ella perguntou á sua alma o que desejava, e a sua alma calou-se! A velha duqueza, disse-lhe uma vez, entre dois abraços:

—É de recear para mim, que a tua companhia pouco tempo me dure! Tens vinte e cinco annos, e a sociedade acha-te formosa! Quem te merecerá, Magdalena?!

A condessa sorriu com um leve ar de melancholia, e um gesto desdenhoso e allivo pareceu responder:—Ninguém!

Que significava isto, pois? Era por ventura uma alma fria que desconhecia o amor; uma alma afflicta que renegava d'elle, ou uma alma prudente que procurava fugir-lhe? A duqueza dispoz debalde de toda a vasta perspicacia do seu fino instincto de fidalga velha: ao fim de dois annos de intimidade, apenas alcan-

çára a convicção de que Magdalena tinha pelos homens uma mediocre estima, senão uma antipathia absoluta!

— Em que tempo vivemos! ponderava a si propria esta nobre dama, que florescia no reinado da senhora D. Carlota Joaquina. Em que tempo vivemos, pois que as meninas de vinte e cinco annos teem os olhos vivos e a alma extincta!?

Uma carta da baroneza de Villa Marim instou muito com a condessa, n'essa occasião, para vir passar um mez em Lisboa na sua companhia. A instancias da duqueza, que esperava que esta estada na capital dêsse ao espirito de sua sobrinha um novo curso de idéas, e uma feição nova de carácter, Magdalena veio de visita á sua amiga a baroneza, com quem o leitor a avistou no baile.

— E parte, decididamente, amanhã? disse Salvador á condessa, continuando um dialogo.

— Impreterivelmente!

— Tenciona, porém, voltar no inverno proximo?

— Nem sei!

Foram estas phrases trocadas n'um tom rapido, como accusando que conheciam ambos a necessidade de as dizer depressa. Depois, com voz humilde, o mancebo acrescentou confuso, indeciso, ancioso:

— E permittir-me-ha, V. Ex.^a, escrever-lhe, a informar-me respeitosa da jornada que vae tentar?

Magdalena, respondeu com uma simplicidade extrema:

— Porque não?

N'esse momento, Salvador viu sua irmã, que por um aceno mostrava querer fallar-lhe: o mancebo despediu-se, por um instante, das duas senhoras e foi ao encontro d'ella.

— Que tens tu estado a conversar, tanto tempo? perguntou-lhe Maria Carolina, uma menina de dezeseis annos, que apparecia n'essa noite pela primeira vez em sociedade. Quem são aquellas senhoras?

— A baroneza de Villa Marim! respondeu Salvador, preocupado.

— A baroneza de Villa Marim não é duas senhoras: quem é, pois, a outra?

— Dois olhos magnificos!

— Dois olhos... que se chamam?

— A condessa de Foyos!

— Uma fidalga de provincia?

— Uma senhora, para toda a parte!

— Estás namorado, Salvador?

—Estou tonto, Maria Carolina!

—Precisas dançar. Aproveita esta valsa! Dá-me o teu braço?

—Achas que faz bem ao coração, dançar, Maria Carolina?

—Acho que faz bem ao coração... fazer dançar sua irmã, Salvador!

—Tens razão! E olha, é uma valsa de Strauss! A dois tempos!

—Ainda bem!

Salvador, no fim da valsa, voltou a vista para o sitio em que se achava a condessa, mas os logares das duas senhoras estavam desamparados. Haviam deixado o baile.

Já os primeiros clarões do dia despontavam, e dançava-se ainda no Club. Eram seis horas da manhã, Salvador n'uma das sallas pequenas, encostado a uma mesa de wisth, sem jogar nem ver jogar, sem fallar nem ouvir fallar, pregava vagamente a vista nos objectos que tinha em frente de si. O dia amanhecêra lindissimo, e suscitou-se alli a idéa de partir do baile para Cintra. Um dos seus amigos instou muito Salvador, para que se associasse; o mancebo procurou debalde recusar, porque ninguem prescindia d'elle para uma festa em havendo probabilidade de o alcançar! Às sete horas, metteram-o n'uma caleche. Julgaram-o contrariado, ao principio; triste e namorado, depois. Ao chegar a Cintra elle exigio primeiro que tudo um quarto: em seguida, desculpou-se para com os seus amigos de não assistir ao almoço! finalmente, pediu-lhes tambem que fossem passear sem elle.

—Mas, é então para isto que vens a Cintra?

—Sim! respondeu Salvador, querendo sorrir, e entrando para o quarto que pedira.

Então, como os amigos de Salvador concluíssem que elle nem estava triste nem namorado, porém tinha somno, almoçaram e foram passear sem elle.

Se o leitor ainda não fez trinta annos, adivinhou já que Salvador, tão depressa se encontrou só no seu quarto do Victor, não quiz dormir, mas... escrever. Foi uma extensa carta, das que dez vezes se principiam, dez vezes se riscam, dez vezes se recommecam. É possível que Camões não fizesse borrão para os *Lusiadas*, mas apostaria que empregou este cauteloso processo da epistolografia amorosa na primeira carta que escreveu a Catharina! Na nossa época mesmo, em que o estylo é o passa-porte litterario dos escriptores sem idéas, tenho visto estilistas, que os noticiarios acclamam, tornarem-se pallidos de susto ao arredondar o primeiro periodo de uma declaração amorosa!

É que, escrever uma carta d'amor é puramente fazer litteratura, e litteratura da mais difficil! Ser simples, é parecer frio;

ser verdadeiro, é não saber redigir; ser exacto, é parecer grosseiro! Mentir! Mentir! ao acaso! Mentir! de proposito! Exagerar ridiculamente, escandalosamente, para ter ares de sincero! Ser charlatão, para apparentar de sublime!

Alguns dias depois, Magdalena recebia em Miragaia a carta de Salvador. Era simples, respeitosa, e de uma trivialidade que affectava o tom sincero. A condessa respondeu a esta carta, por algumas vulgaridades tambem: que o mundo era pequeno, que havia almas infelizes, que a idéa de Deus era aqui a unica esperança, *et cætera, et cætera, et cætera!* A estas cartas, seguiram-se outras: seguiram-se muitas. O *tom menor* do estylo de Salvador principiou a avultar, e algumas flores rhetoricas foram medrando. Ao fim de dois mezes, de uma correspondencia curiosa pela *arte d'attaque* do mancebo e *arte de defeza* da condessa, Salvador n'uma carta permittiu ao seu estylo este periodo, gravemente arriscado: «É para mim uma coisa decidida e segura, que ha algum mysterioso influxo que me vence e me conduz para si!» Magdalena respondeu, que queria fugir-lhe, porque a sua alma abatida e exausta não tinha que dar ao amor. — «Diz-me que tem soffrido! ponderava o mancebo em resposta a isto. Mas, se eu não lho tivesse lido nos olhos e nas faces, pensa porventura V. Ex.^a que me haveria interessado assim? A nobreza da existencia, é os soffrimentos. São, por assim dizer, *diplomas de vida!*» *et cætera! et cætera!*

Havia desde muito tempo entre Magdalena e a baroneza de Villa Marim, uma correspondencia constante e activa. Á proporção, porém, que da parte da condessa augmentou a effectividade de correio para Salvador, diminuiu para com a sua amiga. Ha apenas um ciume mais violento e mais damnado, que o de uma mulher por um homem, é o de uma mulher... por outra mulher! A baroneza teve ciumes de Magdalena, e conseguiu saber que era Salvador quem lhe roubava os extremos d'ella. Foi uma lucta surda e implacavel, desde esse instante, e eu faço votos para que Deus defenda o leitor de conhecer um dia as semsaborias de tal situação, se cair no abysmo de ter por concorrente ao coração de uma senhora... outra senhora!

Mil meios se empregaram, para impedir o nó d'esse amor: cellos, insinuações, denuncias, calumnias... Infelizmente, tudo isso chegou tarde e já se amavam de mais para se abandonarem sem provas! Magdalena disse apenas á sua amiga, que a dispensavá da menor admoestação sobre este assumpto; e, tempo depois, n'uma carta a Salvador, escrevia-lhe: «Da *nossa amiga* baroneza, tenho tido carta duas vezes por semana. Póde ser que

tu gostes de saber se ella me tem fallado em ti: nem mais uma palavra. Eu, que nunca tive segredos para ella, não quero dar-lhe logar a dizer-me uma coisa menos agradável. Ainda que a fé que eu hoje tenho em ti, te proteja no meu conceito, não quero, se a minha ventura se aniquilar um dia, que seja pela minha mão!»

Foi um periodo d' affectos leaes, que ambos atravessaram, como raramente é dado experimentar n'este mundo. Nos primeiros tempos, Salvador que não adquirira ainda a convicção de que era amado, e a quem apenas guiava a vehemencia da sua esperança, sentia-se a cada momento embaraçado pela sua timidez, senão pelo mysterioso terror que os homens de imaginação experimentam no momento da realisação dos seus sonhos, e que não é mais do que o receio confuso de se lhe quebrar o encanto! Mas, depois! Quando o amor illuminou as cartas de Magdalena, que de sensações, que de anciedades, que inquieta alegria, que felicidade melancholica, unica que é doce!

Elle saía muitas vezes para Cintra sem o dizer a ninguem, sem o haver dito a si proprio sequer uma hora antes de partir! Que ia lá fazer, assim de repente, no outomno, quando Deus não queria que fosse em plenos dias de inverno? Ora! ia escrever a Magdalena, respondendo-lhe a uma carta no meio da triste solidão das tardes do outomno no campo: havia sido em Cintra que pela primeira vez o fizera, e em nenhuma parte lhe sabia tão docemente á alma escrever d'amor, como alli! Não o accusem, oh! não o accusem de pueril, porque o amor é, como a natureza, grande principalmente nas coisas pequeninas!...

A distancia opprimia-o. Elle sonhava a cada instante com Magdalena, e não a via nunca! Teria de ser sua? Eis no que mal pensava, apesar de morrer por ella. O presente era tudo para o seu coração, com as indecisas bonanças de momento. A sua alma ardente precisava soffrer, para sentir que vivia. Póde ser que a felicidade o infastiasse!

As cartas de Magdalena incendiavam-lhe a inquieta aspiração ao impossivel, que nenhuma realidade satisfaz. Sentia-se poeta, no seu amor. Magdalena adorava-o, e era adorada por elle. A sua imaginação empreendia o desenho de mil quadros amenos. Em Cintra, ás noites, ao vér scintilar a neve da serra sob os raios azues da lua, sentia uma devoradora tristeza de não ter Magdalena a seu lado como Werther tinha Carlota, para embeberem as suas almas na contemplação da natureza adormecida, e exclamaram em extase, como aquelle amoroso par: Ó Klopstock!...

Estavam ambos, no mais bello periodo do amor. A esperança

affagava-os com as suas brancas azas! Eram felizes pelo presente, e pelo porvir. Confiavam um no outro.

Foi n'esta occasião, que Salvador procurando um jornal antigo, remecheu todas as gavetas, e atirou para cima da sua secretaria alguns dos papeis que lhe vinham á mão.

Entre esses papeis, uma carta.

Uma carta fechada, mas com o sobrescripto em branco.

Como o leitor não tem muita pressa talvez, não vejo inconveniente em que eu lhe explique que esta carta havia sido escripta, muito tempo antes, a uma *prima-donna* do theatro lyrico a quem Salvador fizera a corte: como havia tido o destino de ser entregue mão por mão, não tinha sobrescripto: e como não chegára a ser entregue, tinha voltado para casa na carteira e fôra lançada na gaveta d'onde agora se tirou. — «Amo-te, escrevia o mancebo á cantora que ia partir; amo-te e não amo mais ninguem, porque só tu no mundo és digna de ser adorada: tu, que és a inspiração, tu que és a harmonia, tu que és o amor!» E continuava n'este tolissimo estylo, enriquecido de juramentos pantafassudos e melodramaticos!

Depois de encontrar o jornal que procurava, Salvador enviou-o ao seu destino, e poz-se a escrever a Magdalena. No fim, fechou a carta, remecheu os papeis que estavam sobre a mesa, a procurar o lacre, que finalmente achou; viu diante de si uma carta com o sobrescripto em branco, escreveu «Ex.^{ma} Sr.^a condessa de Foyos, Miragaia.» e mandou para o correio.

Decorreram alguns dias, sem o mancebo receber carta da condessa. Ao fim de uma semana, uma noite, em que Salvador recolhia do theatro, ao chegar a casa dirigiu ao creado a classica pergunta de cada noite:

— Veiu carta?

— Não, senhor.

— E alguem, veiu?

— Um moço de almocreve, que trouxe uma caixa.

Salvador entrou no seu quarto, abriu a caixa indicada, e encontrou... as suas cartas a Magdalena.

Debalde perguntou, mil vezes, a si proprio: Que significa isto? Procurou entre as d'elle, alguma carta da condessa, mas não vinha uma só letra d'ella! Esperou alguns dias a explicação d'este successo, mas a explicação não chegou.

— Não me ama já! Que remedio lhe hei de dar?! O amor é um sentimento involuntario, que vem sem se saber porque, e da mesma sorte foge! Ninguem tem culpa, de já não sentir uma attracção! Capricho infinito de uma imaginação de mulher! Para

que me jurava então, o amor vehemente e santo que me offerecia em quanto eu o quizesse? Quebrar, sem um adeus nem uma saudade! Oh! em amor a coragem,.. é do que sente menos!

Passou-se mais de um mez n'esta anciedade, até que uma occasião em que estava inventariando os seus papeis e varrendo a secretaria de jornaes antigos e cartas inuteis, encontrou uma, fechada e com o sobrescripto em branco. Esta circumstancia, ganhou-lhe a curiosidade de a lér, antes de a atirar ás chammas d'esse áuto de fé. A primeira linha da carta, dizia: «Minha querida Magdalena...»

A alma de Salvador assombrou-se, n'um ruim presagio, de toda a vaga tristeza de alguma grande desgraça.

—Poder infernal do accaso! exclamou. Porque me adevinha o coração, que fui eu proprio que creei a desventura de nós ambos?!...

Na situação que o opprimia, toda a esperança era inutil; todo o expediente, impossivel. A amargura devorava-o implacavel, sem que no horisonte da sua existencia fulgisse um raio de luz; já não podia aspirar ao amor de Magdalena, porque aquella nobre alma julgava-se enganada!...

Nem elle procurava vel-a, preferindo a resolução d'Icaro atirando-se ao mar, ao sentir-se cair do ceu, em vez de viver condemnado a voar eternamente nas regiões intermediarias...

Uma carta de um dos seus amigos do Porto, prevenio-o porém n'este momento que a condessa estava alli. Era uma occasião excellente de se encontrarem, e Salvador não teve animo de a perder. Tres dias depois, chegava ao porto, indagava noticias da condessa, e alcançava saber d'alli a instantes, que Magdalena estava n'esse momento na rua de Cedofeita, de visita á sua amiga D. Piedade. O mancebo teve o tempo apenas de se vestir, e caminhar para lá.

D. Piedade era uma dama de quarenta annos: não é um crime; só os anjos ficam sempre nos quinze, por ser a idade eterna que lhes deu o Senhor. Vivia cercada de amigas: creaturas enfastiadas, que iam entreter o dia com ella, e que diziam n'um tom presumido e languido:—A roda do carro da vida, saíu dos seus eixos; em que havemos nós occupar-nos?!

Magdalena estava mal entre estas senhoras que aspiravam a *ter estylo*, porque só ella não cuidava d'isso. O estylo de Magdalena, eram os seus olhos admiraveis de luz e de encanto, o oval harmonioso da sua frente, os seus braços elegantes, os seus dedos longos e finos: o estylo de Magdalena, era a belleza e a graça: o estylo de Magdalena, era a doce serenidade do ideal antigo!

No momento em que o creado annunciou o nome de Salvador, ella procurou debalde occultar a impressão que sentira. O mancebo, pela sua parte, traiu-se no momento de a fixar. Tambem, em que estado encontrava elle a condessa! Os olhos pareciam ter-lhe perdido o brilho, e nos seus labios já não resplandecia a fresca purpura de outr'ora! Extenuada, abatida, e de uma pallidez sepulchral, Magdalena era ainda bella, mas bella como o anjo da morte; a sua magreza era tal, que um diadema lhe serviria de cinto: ao vê-la mudar de attitude, cuidava a gente que ella ia quebrar-se toda! Era a segunda vez que se encontravam, e, como eu o disse ao leitor no primeiro periodo d'este conto, — havia tristeza no ar, e respirava-se morte!

D. Piedade, depois de apresentar Salvador ás suas amigas, dirigiu a conversação ácerca de Lisboa, e pediu noticias dos espectaculos e bailes da capital.

— Oh! Imagine V. Ex.^a, respondeu o mancebo, que eu não vou aos theatros ha perto de um mez e aos bailes ha perto... de um anno!

As senhoras entoaram um grito de horror shakspearianno.

— Lembro-me bem, continuou Salvador dirigindo-se a Magdalena que permanecêra grave e séria, que foi justamente no ultimo baile em que appareci que eu tive a fortuna de fazer o conhecimento da senhora condessa!

Magdalena estremeceu ligeiramente.

— Ah! conhecem-se de Lisboa!? exclamou D. Piedade.

— Sim! respondeu a condessa, erguendo-se: encontrei este senhor no Club.

— Que fazes? Partes já!

— Sim, minha amiga; a magoa deve ser toda minha de não poder ficar mais tempo!

— Um instante, apenas! Um simples instante!

— Não! Não!

D. Piedade olhou de lado para Salvador, que não despregava a vista da condessa, e disse-lhe com um sorriso de intenção:

— Olhe, sr. Salvador, quer vêr o que a minha cara Magdalena me fez a graça de escrever no meu album?

A condessa procurou impedil-a, mas D. Piedade proseguiu:

— Eu pedia-lhe um desenho, mas isso fatigava-a muito e preferiu escrever...

— E escreveu? perguntou Salvador.

— Uma simples phrase! acudiu Magdalena, tomando o album de cima da mesa e escondendo-o cautelosamente. Queres fazer-me arrepende da minha imprudencia, Piedade?!

— Imprudencia! Como, imprudencia! Uma phrase linda, menina! Uma phrase linda, que tu has de consentir que eu leia!

A condessa cedendo, entregou o album.

— Depois de eu partir! disse ella.

Apenas Magdalena saíu da sala, Salvador travou do album, procurou a folha em que ella escrevêra, e leu tremulo, estas duas linhas:

A desgraça tem conservado vidas, que a felicidade teria extinto!

O mancebo não pôde impedir que os seus olhos se humedecessem de lagrimas, e ficou por instantes contemplando extatico a triste phrase da condessa.

— Quem sabe se a tornaremos a vêr! disse D. Piedade, espiando que impressão produziam em Salvador estas palavras.

— A condessa, vae partir? perguntou elle, ancioso.

— Embarca ámahã. Os medicos aconselham-lhe ficar algum tempo na Ilha da Madeira, na esperança de a salvarem ainda da affecção pulmonar que a devora!

O mancebo conseguiu apenas reprimir o grito de angustia que se lhe exhalou do peito.

— Oh! Pobre Magdalena! disse elle á sua alma. Pobre Magdalena!

Salvador procurou a condessa n'essa tarde, mas não foi recebido. Escreveu-lhe, mas devolveram-lhe a carta. Foi a bordo, na esperança de lhe fallar, mas Magdalena recusou-se a vê-lo. O espectáculo das suas lagrimas, distraiu D. Piedade que voltou de bordo no mesmo bote que elle, contemplando com curiosidade a angustia devoradóra que o opprimia. Era uma senhora de espirito que se contentava em avistar nos outros as paixões, as manias, e as miserias da existencia civilisada. Os horrores para ella eram a melhor das suas distracções, á semelhança de certos casos raros e monstruosos, que fazem a alegria.... dos naturalistas!

JULIO CEZAR MACHADO.

VOLTAS

(IMPROVISO)

Entre as flores da campina
Correm uns certos rumores,
Que tu, rosa purpurina,
És a inveja das mais flores.
F. C. M.

És rosa, bem vês, o aroma
Que do teu seio recende,
A côr que a folha te accende,
A inveja que ao rosto assoma
De todas as outras flores
Não t'o diz, quando no prado,
Aos primeiros resplandores
Do sol que tem despontado,
Ergues a fronte singella,
Mas ai! quão graciosa e bella?!

O lyrio que á sombra nasce,
Quando te sente e te aspira,
Não sabes como delira!!
Não tens visto tanta vez
N'aquella timida face
Redobrar a pallidez?

E o rouxinol namorado
Que assim a lua derrama
Seu doce clarão no val
Por entre a viçosa rama,
Desprende a voz immortal
Improvisando inspirado
O seu hymno nupcial
Á noiva que Deus lhe ha dado!

Por quem suspira anhelante?
 Por quem tremulo se inclina
 Sobre a veia cristalina?
 Quem procura n'esse instante?
 — És tu, rosa purpurina!

És tu, sim, porém a cór,
 Que tinhas tão viva outr'ora
 Porque a vais perdendo agora?
 Dize, oh rosa, a occulta dór,
 Que te faz tão tristemente
 Pender a encantada frente!

Agora entre as outras flores
 Correm uns certos rumores....
 Quaes são, não sei, mas ouvi,
 Que as mais bellas da campina
 (Por quem és tão invejada)
 Quando hoje chamam por ti,
 Dizem — rosa namorada.
 E não rosa purpurina.

BULHÃO PATO.

Lisboa 12 de Maio de 1860.

GALERIA DE NAVEGADORES CELEBRES

III

Bougainville

O primeiro quadro d'esta galeria representa um incansavel viajante das regiões do arctico; no segundo avulta a imagem do mais audaz explorador das terras antarcticas: o terceiro apresentará o perfil de um illustre circum-navegador. N'esta série de emprezas váe uma escala decrescente de perigos.

Passar annos em um navio, prisioneiro dos gelos do polo, figura-se-nos um dos maiores trabalhos com que possa arrostar a fraca humanidade; correr mares desconhecidos e procelosos em busca de novos paizes, situados em altas latitudes, é ainda uma temeridade espantosa; e se hojé se tem vulgarisado as viagens á roda do mundo, pelo aperfeiçoamento das embarcações, das cartas e instrumentos nauticos, era tentativa arriscada, ainda nos fins do seculo passado, um d'estes giros em volta do globo, quando os mil archipelagos da Oceania não estavam arrumados no mappamundi com certeza mathematica.

O navio hespanhol, em que Fernão de Magalhães, nosso compatriota, partiu de Sevilha, no anno de 1519, a buscar o caminho das Molucas, pelo sul do continente americano, foi o primeiro que completou uma viagem de circumnavegação; e só passados sessenta annos tentou o inglez Francis Drake, e levou a cabo, a segunda viagem em volta da terra.

Já quasi no fim do seculo xvi seguiram os holandezes a esteira dos bretões, e foi Sebald van Wert o seu primeiro circum-navegador.

De França só partiu uma expedição para dar volta ao globo no fim do anno de 1766, e o seu commando e direcção foram confiados ao celebre Bougainville.

É d'este illustre navegador que vamos occupar-nos hoje.

O leitor, que tem admirado em estufas a linda flôr a que o viajante deu o seu nome, acompanhe-nos ás regiões encantadas d'onde Bougainville trouxe á Europa aquelle novo adorno de jardins, e nós lhe asseguramos que sob as arvores odoríferas da fertil ilha de Taiti não ha de ter saudades das nossas povoações lamacentas, nem d'estes campos de infezada vegetação.

Bougainville nasceu em Paris a 11 de Novembro de 1729. Depois de exercer a profissão de advogado, e de servir nos exercitos de França e do Canadá, em cuja carreira chegou a adquirir o posto de coronel, foi-lhe confiado o commando da fragata *La Boudeuse*, de 26 peças, com o posto de capitão de mar e guerra da armada real.

Deixando de parte outras aventuras maritimas d'este celebre capitão, trataremos aqui unicamente da sua memoravel viagem de circum-navegação.

Fez-se á vella do porto de Brest a 5 de Dezembro de 1766; fundeou na bahia de Montevideu a 31 de Janeiro de 1767; no dia 4 de Abril seguinte entregou a emissarios hespanhoes, por ordem do seu governo, o estabelecimento francez das ilhas *Malvinas* ou *Falkland*, fundado por elle mesmo tres annos antes; reuniu-se depois no Rio de Janeiro com o transporte *L'Etoile*, que lhe levava mantimentos; e os dois navios seguiram juntos para a bocca do estreito de Magalhães. Ao cabo de 52 dias de perigosa navegação por entre baixios e ilhotas, com ventos variaveis, e fortes correntes de agua, desembocaram as duas embarcações no mar Pacifico; ahi encontraram calmas, chuvas, e trovoadas, durante muitos dias, sendo apenas contrabalançada esta monotonia por uma abundante pesca.

No dia 22 de Março de 1768 descobriram as ilhas *Tehai* e dos *Lanceiros*; esta povoada, mas inabordable, por quebrar o mar em roda de toda ella com grande furia; na manhã seguinte enxergaram outra ilha habitada, mas igualmente cercada de recifes, e até ao dia 27 navegarem entre ilhas e parceis continuados, a que Bougainville deu o nome de *Archipelago Perigoso*.

A 2 de Abril reconheceram a ilha *Desena* de Queiroz, cuja denominação de Bougainville mudou para *Boudoir* (como dissemos n'outro logar d'esta *Revista*), e logo a ilha de Taiti, que o entusiastico capitão saudou com o nome de *Nova Cythera*.

Apenas a *Boudeuse* e a *Etoile* se aproximaram d'esta risonha ilha, cujas montanhas, sempre cobertas de verdura, não mostram em parte alguma a arida nudez das rochas, foram cercadas por inumeras piro-

gas, tripuladas por naturaes do paiz, que traziam aos visitantes do seu porto, côcos, bananas, e outros fructos da terra.

Apesar das precauções tomadas pelo commandante, penetrou a bordo uma formosa taitiana, que desorientou as cabeças dos officiaes e dos marinheiros com o seu vestuario, modelado pelo de Eva no paraizo terreal.

Dias depois estabeleceu-se em terra um acampamento de francezes, aonde foram installados os marinheiros enfermos, e a gente que fazia a aguada para os navios; o resto da tripulação vinha alternadamente passeiar a terra. Por mais que estes estrangeiros se entranhassem pelo paiz, nunca deixavam de encontrar a mesma alegria no rosto dos seus habitantes, a mesma hospitalidade franca e sem limites, o mesmo desejo de agradar, até ao ponto de entregarem suas mulheres e suas filhas ás voluptuosas caricias dos homens da Europa!

E estes filhos da civilização pagaram tantos beneficios matando alguns taitianos a tiros de espingarda, não obstante toda a vigilancia de Bougainville, e legaram áquelle innocente povo uma asquerosa molestia que lhe era desconhecida, a syphillis!

Taiti é a ilha maior do *Archipelago da Sociedade*. Não ha alli insectos, nem animaes venenosos; o ar é saudavel, optima a agua, e pasmosa a vegetação. Segundo a opinião de Bougainville não se encontram em outra parte do mundo, como em Nova Cythera, homens capazes de servir de modelo a estatuas de Marte ou Hercules, e tambem seria facil ao esculptor descobrir entre as taitianas os typos de Juno e Venus.

A 16 de Abril largou de Taiti a expedição franceza, e fugindo ao encontro das ilhas *Perneciosas*, celebres pelos desastres do almirante Roggeween em 1722, foi descobrir, já no mez de Maio, o *Archipelago dos Navegadores*, e pouco depois uma ilha isolada, a que deram o nome de *Creança perdida*. Esta insula está marcada na carta itineraria de Bougainville, pouco a leste da linha dos antipodas de Paris.

A 22 de Maio descobriram ainda as ilhas de *Pentecostes* (que recebeu este nome em commemoração da festa religiosa do dia,) e *Aurora*, ambas pertencentes ao grupo que Queiroz denominou *Terra do Espirito Santo*, mas que não haviam sido vistas pelo navegador portuguez. Bougainville, como já dissemos, baptizou todo o archipelago com o nome de *Grandes Cycladas*.

Parte da tripulação dos navios desembarcou na ilha dos *Leprosos* para cortar lenha e colher fructos, apesar da attitude ameaçadora de seus habitantes armados, gente feia, de pequena estatura, desairosa, e com signaes de gafeira.

Partindo d'esta ilha esteve a fragata a ponto de perder-se, em a noite de 4 para 5 de Junho, sobre um baixo até então desconhecido

dos navegantes, e que Bougainville marcou na sua carta com o nome de *Parcel de Diana*; e ainda no dia 10 correu maior perigo entre novas ilhas e recifes, com fortes correntes, grande vaga, calmaria, e nevoeiro.

Este estado prolongou-se por alguns dias; e aos perigos de uma navegação sem rumo em mar semeado de escolhos, juntou-se ainda o flagello da fome!... Em fim, na manhã de 26, conseguiram os dois navios dobrar a ponta oriental de uma terra alta, a que deram o nome de *Cnbo do Livramento*; e fugiram d'aquelle sacco d'onde tanto lhes custou a sair, deixando-lhe a denominação de *Golpho da Lusiada*.

Com tempo escuro, vento forte e mar cavado, foram os pobres nautas metter-se entre novo labyrintho de ilhas e baixios, provavelmente o *Archipelago de Salomão*, descoberto por Mendana; e quando, de prumo na mão, diligenciavam escapar da bahia de *Choiseul*, foram atacados por algumas pirogas, com indios armados de flechas e azagaias. A artilheria da fragata poz em fuga estes inimigos gratuitos, e tres dias depois estava a frota diante da ilha, hoje chamada de *Bougainville*.

No dia 6 de Julho fundeavam, a *Boudeuse* e a *Etoile*, no porto de *Prastin* (costa meridional da *Nova Irlanda*), e os seus tripulantes julgavam poder emfim repousar algumas horas em ancoradouro seguro, com boa agua, lenha abundante, e proporções para repararem as avarias dos navios....

Mas logo sobrevieram repetidos tremores de terra; a agua subia e descia prodigiosamente no porto; chuva continua, trovões, ventania... e o escorobuto atacava os marinheiros!

Apesar do temporal e vento contrario, os navios saíram d'alli no dia 25, foram vendo muitas ilhas ao largo, e costeando a *Nova Bretanha*; descobriram o grupo das ilhas dos *Anacoretas*, e o archipelago do *Xadrez*, composto de uma infinidade de ilhotes; andaram muitos dias á vista da costa da *Nova-Guiné*, e escaparam de um novo labyrintho de recifes pela *Passagem dos francezes*.

Porém esta parte da Oceania contém milhares de archipelagos de todas as dimensões. Pequenas ilhas, umas apoz outras, foram apparecendo aos navegantes francezes, até chegarem ao grupo das *Molucas*, aonde poderam emfim descançar de tantas fadigas em um estabelecimento hollandez.

Das Molucas dirigiu-se Bougainville a Batavia, e de lá, pelo estreito de Sunda, á ilha de França, e Cabo da Boa Esperança. A 16 de Fevereiro de 1766 entrou no porto de S. Malo, terminando uma viagem de mais de dois annos, durante a qual perdeu apenas sete homens das tripulações que commandava.

Em meio de tantos trabalhos nem um só dia afrouxou o rigor da

disciplina a bordo dos navios da expedição, nem mesmo se revelou, uma vez sequer, o desgosto e a impaciencia nos gestos ou nas palavras do mais bisonho grumete da *Boudeuse* e da *Etoile*.

Bougainville militou depois na guerra da America, commandando uma nau de linha; foi elevado ao grau de chefe de esquadra da armada, passou mais tarde ao exercito no posto de marechal de campo, e voltou de novo á marinha, aonde se distinguiu ainda como almirante da esquadra de Brest, em 1790.

Propoz-se a fazer uma viagem de exploração ao circulo polar, mas não encontrando apoio no governo da epocha, teve que desistir do intento.

O instituto de França recebeu Bougainville no seu gremio, e Napoleão nomeou-o conde do imperio.

Cumulado de honras e atenções, falleceu o illustre circum-navegador, em idade avançada, a 31 de Agosto de 1811.

A relação da viagem á roda do mundo, escripta por Bougainville, e impressa pela primeira vez em 1771, agradou igualmente a todo o genero de leitores, por que não só prestava um valioso auxilio á sciencia, fixando com exactidão as posições de muitas ilhas do Pacifico, e rectificando os erros de antigos navegadores, além de enriquecer com descobertas valiosas a carta d'aquelles mares, mas era escripta com tanta elegancia, tão vivas as pinturas que fazia das paisagens e dos habitantes das terras de novo encontradas, que chegou a produzir uma viva impressão no espirito dos seus conterraneos. As pictorescas descripções da ilha de Taiti, sobre tudo, encantaram a mocidade franceza do seculo de Luiz xv, que tão longe estava da innocente felicidade dos selvagens da Nova Cythera, tal como o navegador a descrevia, exaggeradissima!

Encontram-se os principaes trechos da relação da viagem de Bougainville nas compilações de Montemont, de Charton, e de outros modernos rapsodistas.

F. M. BORDALO.

*

O CAMPINO

O campino é um typo, um typo que está para desaparecer victima de uma epidemia de sensibilidade.

D'aqui a tempos, quando a posteridade abrir um dicionario— dado que a posteridade ainda abra dictionarios— se topar a palavra, e inquirir a significação d'ella, que responderá a si mesma?

O campino existiu; o campino morreu ás mãos de um projecto de lei... e de um aphorismo do *Thesouro de meninos!*

Houve uma geração, tão melindrosa de nervos, que não podia vêr na meza uma perdiz sem desmaiar com a idéa do avecidio, nem trinchar um lombo sem cair em convulsões, lembrando-lhe a barbaridade previa, indispensavel a esta preparação culinaria. Esta geração logica aboliu a caça e a pesca, tal horror criou aos sacrificios de vidas. Esta geração consequente fez das pastagens batataes, e converteu os açougues em vendas de legumes, querendo evitar a premeditada cruêza de engordar um animal innocente com a mira no matadouro. Esta geração conscienciosa e illuminada, inimiga das arranhaduras e boleos, quebrou todas as armas que podiam fazer sangue, e licenciou os exercitos onde os homens aprendiam o officio de se matarem regularmente. Foi ella em tanto extremo compassiva que despediu os cocheiros e carreiros, para não constranger folego vivo, pois que todos vieram ao mundo com pernas para andar e costado para carregar. No seu tempo as parrelhas morreram de gôtta, os magarefes foram desterrados, e a anatomia praticou-se bucolicamente n'uma folha de couve. Deve o mundo á sua iniciativa a supressão do noticiario, relatorio de crimes, e a prohibição da tragedia, origem de spasmos.

Isto annunciarão os antiquarios... futuros, quando nas suas inves-





tigações archeologicas desentranharem o archivo das nossas memorias contemporaneas. Isto ha de inferir a hermeneutica dos vindouros. Isto aquilatará a apologia de um seculo, que teve a singular ventura de pôr tudo em figurino—até o coração. Isto provará como esta bem-aventurada época desconheceu todo o genero de violencia, como abominou a guerra, como até ignorou a sangria. Isto abonará a brandura dos nossos affectos, a singelleza das nossas inclinações, a mansidão da nossa indole, e a innocencia dos nossos costumes. Isto fará reformar os cyclos historicos, e mudar a data aos tempos de Astréa. Isto porá acima da idade de ouro a idade das notas... de todas as fabricas. Isto enfim glorificará as almas piedosas, e a civilisação humanissima... que inventou o canhão raiado.

Sim, mas nada d'isto dirá o que foi o campino. Lacuna deploravel!

Por fortuna do porvir, não pesará de todo o esquecimento sobre a raça proscripta. Salva-a o lapis elegante e o buril correcto, que uma aristocratica mão sabe com equal destreza dirigir.

O campino? Volte o leitor a pagina, e lá o tem, completo, vivo, fallando, na gravura que hoje lhe apresenta a *Revista*. Lá o tem reproduzido e authenticado por um nome, que pertence aos seculos passados por tradições gloriosas, e a este pela cultura do ingenho, pelo amor ao estudo, pelo desvello no trabalho, por uma zelosa e intelligentissima participação nas honradas lides das artes e das sciencias.

Faz gosto applaudir e festejar taes obras a um mancebo, que a fortuna recebeu nos braços, e achou no berço uma coroa de marquez!

Entristece a nobresa que se corrompe na ociosidade, por que todas as degenerações dóem com a idéa do anniquilamento proximo. A nobresa que se avigora e retempéra, tornando-se prestante no lavor commum, confirma os seus títulos e adquire-os novos.

«Armas ou letras» dizião os nossos antigos, e ás vezes junctavam tudo. Não bem ao mais fidalgo brazão os louros do talento. Não menos as coroas das artes, principalmente onde tão alto sobem, que se engastam n'um diadema real.

A estes exemplos cumpre tributar o louvor publico, para que os imitem os desoccupados—ou mal occupados, que é peor—; para que os acompanhe a consideração, e os honre a estima devida aos uteis esforços e ás boas prendas.

Ora pois, eil-o ahi, todo inteiro, o nosso campino. Barrete puxado á testa, manta pendente, pampilho traçado, cachimbo ao canto da bocca—nada lhe falta.

E o cavallo? Está-se-lhe a ver no olho esperto o ardor com que despede a carreira. Os peitos largos, a anca entresêcca, o pescoço nervoso bem lhe inculcam a força e ligeiresa. Basta a corda de crins passada ao beijo para guiar este docil e intrepido filho da lesiria, parente do

corcel do deserto, que salta as mais largas vallas, trepa as mais arremessadas ladeiras, corre um dia inteiro, vive do que acha, e, com aquella apparencia rustica e meio bravia, frequentemente envergonha os mais finos e alindados.

O grupo dos touros, esboçado em perspectiva, remata caracteristicamente a composição. Vê-se que uma observação fiel inspirou o traço obediente. Não esqueceu um accessorio.

Se o campino tivesse a idéa do espelho, julgára ver-se ao espelho.

Precisava elle d'este retrato, e a sociedade ainda mais. O campino é, sem o saber, um vestigio de poema no meio d'uma invasão de prosa.

E que prosa santo Deus! Prosa de polemicas e contractos, a mais soez, corriqueira, e plebea, que nunca n'esta terra se fallou e fez.

Ninguem me tira da cabeça que o campino é um descendente dos nossos velhos almogavares. Se não, digam-me, de quem herdou elle a vara comprida, a faca delgada, e a feição fragueira? E então aquelle olhar ao desdem para tudo o que é pedestre, quem lh'o deu?

Um rancho d'esses valentes zagaes parece-me sempre que vai jogar lanças em correria contra mouros.

Nunca vejo o campino montar e apearse de um salto firmado na vara, ou deitar o cavallo á desfilada por uma encosta ingreme, que me não lembrem os rudes cavalleiros da Thessalia. Se atravesso uma charneca, e o diviso ao longe, a pé, n'um monticulo, encostado ao inseparavel pampilho, uma perna crusada com a outra, a manta descahida, e os olhos no espaço, julgo avistar um d'aquelles pastores do Epiro, tão afamados e cantados dos poetas. Imagino-lhe arregaçada no hombro a chlamyde grega ou o sago romano. Refaço com pouco esforço uma paisagem hellenica. E eis-me transportado das campinas do Ribatejo ás margens do Sperchio ou do Penêo. É coisa que se deite fóra este idyllio grego, às abas de Lisboa, no seculo XIX?

Se não fóra homem de gosto, o sr. marquez de Niza, declarava-o reu de lesa-poesia!

Vão-me dar um passeio aos campos de Gollegan, ahí por Agosto. Percorram-me aquellas planicies, queimadas e nuas, desertas como o Sahara, longas, longas de fugirem com a vista. Na vasta solidão, uniforme e ardente, surge apenas alguma oliveira enfesada, triste de côr, disforme de linhas, sem rumor nem sombra, solitaria e immovel que nem sentinella perdida. Quem dá então vida e movimento ao descampado?

Se não existisse o campino, tinham de invental-o.

Os seus dotes naturaes não são inferiores aos seus merecimentos phisicos. Supponhamos que se perdia a independencia, supposição difficil onde são tantos os independentes. Em sendo precisa, achavam-n'a infallivelmente no campino. O padre Theodoro d'Almeida foi buscar

á Morávia o heróe do seu romance philosophico, porque de certo nunca passou de Sacavem.

É o campino o homem primitivo, o homem da natureza, curtido do sol e do relento, antipathico aos povoados, cuja utilidade só reconhece no mercado a que vai prover a parca mantença da semana, contente com o seu pouco, e sem necessidade de mais, com tanto que lhe deixem o ar e o espaço—isto é, a liberdade. Sobram-lhe para repouso e abrigo, de dia uma balseira, de noute uma choça, e ainda este é requinte de luxo que muita vez dispensa.

Em politica tem as idéas mais definidas e menos complicadas. Para elle todas as fórmãs de governo estão resumidas no *seu lavrador*. Uma cousa me faz sempre rir—cá por dentro, bem entendido, como outras muitas—é o sentimento de constitucionalidade com que o campino vai deitar a sua lista em dia de eleições. E estou que elle ri tambem, e ri mais do que eu.

Fallem-lhe de liberdades! Que são todas essas ao pé da sua?

Com ser tão livre, é o campino um modello digno de estudo na applicação do principio da authoridade.

É ver como elle sabe conservar a ordem e disciplina nos seus numerosos subditos, sempre armados, e propensos á revolta! É ver como os conduz ao trabalho e á lucta!

O campino é bem relacionado na corte, e não se desvanece com isso. É o *compadre* nato dos toureiros curiosos mais grados, sem que esta intimidade lhe diminua o natural commedimento e cortezia.

Se passamos ás excellencias intellectuaes do campino, tenho eu que é uma injustiça não estar elle já no parlamento.

Evangelhos pequenos chamam aos rifões populares. De um homem versado e perito diz o adagio: *aquelle sabe o nome aos bois*. Pois ninguem sabe o nome aos bois como o campino. Perguntem-lh'os um por um, em duzentas ou trezentas cabeças que sejam. Dirá sem hesitar qual é o *caraca*, qual o *salgado*, qual o *cabano*, qual o *pinheiro*, qual o *marfado*, qual o *janota*, etc. etc. Uma nomenclatura de Linneo!

N'estas designações, parece ás vezes ter estudado a phrenologia com Spurzheim, e a satyra em Juvenal, tão subtis são as suas observações physionomicas, e tão frizantes as suas applicações epigrammaticas.

Se me chegasse o tempo fazia uma physiologia do campino! Porque não? Tem-se feito de coisas que valem menos.

Para uma noticia a correr é sufficiente, não? Nem tanto era preciso. Accaso não diz tudo o buril conceituoso de Francisco de Mello?

É uma grande invenção a gravura. Basta que perpetúa o que sem ella ficaria talvez ignorado, ou mal conhecido. Como a abençoarão os nossos descendentes, quando lhes ella fizer intender tanta coiza que a letra redonda vai tornando... inintelligivel! MENDES LEAL, JUNIOR.

A LIGA DAS ALFANDEGAS PENINSULARES

I

A sociedade economica madrilense hasteou a bandeira da liga das alfandegas peninsulares. Uma commissão, formada no centro d'aquella sociedade, encarregou-se de elaborar um projecto para servir á solução pratica d'aquelle pensamento. Os jornaes, que na Hespanha se occupam das questões economicas, foram convidados para emittir a sua opinião sobre este grave assumpto. Alguns têm já correspondido a este chamamento. A discussão está aberta, e a sua importancia é immensa, porque prende com todos os interesses sociaes: o commercio, a industria fabril, a agricultura, a administração publica e a politica devem ser ouvidos n'esta questão amplissima e vital. Convém que todos, os que se interessam de coração pelos melhoramentos economicos e sociaes da península, a não desamparem, porque é chegado o tempo de communicar um grande impulso ás forças productoras d'esta bella região da Europa.

Alguns escritores hespanhóes, tratando d'este objecto puramente economico, com todo o entusiasmo meridional, disfarçam mal um pensamento politico, que desejáramos vêr posto de parte, porque pôde ser nocivo ao triumpho de uma boa idéa.

Convencidos, como estamos, profundamente, da grande utilidade da reforma das nossas relações commerciaes com a Hespanha, e impacientes até de a vêr realizar, não hesitaremos em entrar na discussão

com o modesto contingente de rasões e argumentos que nos tem subministrado a cogitação sobre este ponto: mas antes de o fazermos, convém manifestar desde já a nossa opinião sobre dois pontos cor-deaes da questão.

Defenderemos a liga das alfandegas peninsulares em tudo que ella tem de rasoavel e vantajoso para ambos os povos da península. — Combatemos a chamada *união iberica*, quando ella se propozer a destruir ou annular a nacionalidade portugueza, ou a reunir presentemente de-baixo de um só governo central todos os povos da península.

Na atmospherá politica da Europa principia a sentir-se uma aura de annexação que embriaga os ambiciosos, e poderia tornar-se furioso vendaval de conquistas, précipitando as nações em grande desordem, se os amigos da liberdade deixassem de estar vigilantes á difficil manobra.

A idéa do imperio universal é uma chimera que intenta amontuar n'um equilibrio instavel estados sobre estados, mas que, á semilhança de um castello de cartas, levantado por creança pretenciosa, desabará antes de se lhe haver posto a cupola.

Sem ir tão longe, os imperios collossaes, que a fortuna ou o capricho reúne sob a dominação, mais ou menos despotica, de um só homem ou de uma raça privilegiada, são contra a natureza da sociedade humana, por que não têm por fundamento a liberdade e não podem por isso subsistir longo tempo em presença da civilização actual.

A felicidade dos povos depende do seu valor moral, e este como o dos homens não depende da sua estatura, nem se avalia pelo numero de bayonetas que se podem pôr em campo.

Para entrar na alliança e confederação das nações civilisadas, não é necessario abdicar a nossa autonomia, nem fazer parte integrante de uma grande nação, em que só possã manter-se a unidade pela exageração do poder central, contra a livre participação de todos os cidadãos no governo do estado.

Exigimos que seja respeitada a divisão politica da península, como se acha estabelecida depois de tantos seculos, por que esta é a sagrada herança de nossos paes; e para manter a paz interior, para augmentar a riqueza nacional, e viver em boa harmonia com os nossos vizinhos, não é necessario fazer reviver a unidade romana ou gothica da península iberica, nem restabelecer a monarchia colossal de Phelippe 2.º

Se não tivéssemos que attender senão aos contornos geographicos e ás condições physicas da península, se fosse hoje possivel esquecer a historia dos povos que a habitam, poderiam elles constituir um unico estado: mas á formação das nações presidem causas muito complexas, que produzem nacionalidades diversas, ciosas da sua independencia, a qual seria imprudente contrariar, ainda mesmo quando á luz da pura

e fria razão se pudesse provar a conveniencia absoluta de uma fuzão politica.

O espirito de nacionalidade, assim como o espírito de familia, não procedem de pura convenção, mas nascem de intimo sentimento, e o sentimento não se discute.

Deixemos pois ao coração o que é do seu dominio, e discorrámos simplesmente sobre o que pertence ao imperio da razão.

A Hespanha e Portugal podem e devem marchar unidos pela mais estreita fraternidade no caminho do progresso: podem e devem associar-se em tudo o que respeita aos interesses economicos e commerciaes, e seria muito para desejar que esta reciproca união se estendesse ás suas relações politicas com os outros estados, sem prejuizo da sua mutua independencia em materia de governo e administração interior.

As duas monarchias da peninsula constituiriam então na statistica da Europa, e do mundo inteiro, um binario respeitavel, vantajoso, e necessario para o equilibrio das nações.

Mas em quanto a marcha regular e gradual dos acontecimentos não der realidade a este pensamento politico, preparemos o terreno, destruindo os obstaculos que se oppõe ao livre trato e commercio entre os dois povos, é lançando os fundamentos da união economica, pela supressão das alfandegas interiores, e com a liga das exteriores.

A natureza, a sciencia, a industria humana, tudo quanto safu das mãos do Creador, do genio e do trabalho dos homens, tudo está convidando as monarchias da peninsula hispanica a uma alliança franca, leal e duradoura, que, sem prejudicar a sua mutua independencia, una os seus interesses economicos, fortaleça a sua influencia nos negocios do mundo, excite a sua actividade na producção da riqueza publica, e eleve o seu valor moral entre as nações civilisadas.

Os contornos geographicos da peninsula, a sua collocação no extremo occidental da Europa, entre o Mediterraneo, que viu as glorias da civilisação antiga, e o Athlantico, atravez do qual os seus navegadores foram lançar os fundamentos de novos imperios; olhando livremente para o Oriente e para o Occidente; cercada de numerosos e bellissimos portos, vendo seus fertéis campos cortados de formosos rios, que parecem ligar os povos que a habitam, tendo sobre si um mesmo céu e um mesmo clima, nutrindo a mesma flora e a mesma fauna; ouvindo quasi a mesma lingua aos seus habitantes, cujos antepassados tiveram as mesmas origens, pelejaram os mesmos combates, navegaram os mesmos mares, colheram os mesmos louros, plantaram a mesma religião nas partes mais remotas do globo terrestre; tudo quanto se vê; tudo quanto se sabe; tudo quanto a reflexão descobre, nos conduz infallivelmente a aceitar de bom grado, e a dezejar até ardentemente, a alliança dos interesses commerciaes entre Hespanha e Portugal.

II

Entre os erros economicos que teem exercido funesta influencia sobre o desenvolvimento natural das relações commerciaes dos diversos povos, figura em primeira linha o estabelecimento das alfandegas. Desde o modico imposto de 2 por % que o governo atheniense cobrava no *emporium* pela entrada e sahida das mercadorias estrangeiras no Pyreu; desde o *portorium*, a que já no tempo dos reis de Roma estava sujeito o commercio maritimo que se fazia pelo porto de Ostia, até ás exagerações proteccionistas das alfandegas modernas, de que a Serenissima republica de Veneza deu o primeiro exemplo, esta instituição tem contrariado o progresso regular da industria, a marcha natural do commercio, e o mais prompto desenvolvimento da riqueza das nações. Assim foi ella de todos os tempos considerada uma instituição opressora, e sustentada apenas pelos governos como um dos meios mais simples e certos de elevar o rendimento do estado.

Os primeiros consules, depois de expulsos os Tarquinius, aboliram as alfandegas para lisongear o povo romano, mas, passado pouco tempo, a necessidade de augmentar as rendas da republica fez restabelecer o *portorium* e as taxas elevavam-se ou abaixavam-se conforme as necessidades do estado.

Não era só o commercio maritimo que estava sujeito ao imposto do *portorium*; a passagem do Alpes, e depois a dos rios e de varias pontes, tinham as suas alfandegas que obstavam ao livre transito e obrigavam ao pagamento das taxas muitas vezes elevadas, absurdas e immóraes.—Os direitos «diz Horacio Say, fallando das alfandegas romanas» recabiam não sómente sobre as mercadorias, mas ainda sobre artigos que não figuram nas tarifas modernas. As escravas moças e bellas destinadas á prostituição e os eunuchos, além do direito de vintena sobre a venda, pagavam o *portorium*, desembarcando na Italia.»

A republica trazia arrendados os direitos de *portorium*, e os contractadores d'estas rendas, os publicanos, exerciam sobre os contribuintes tão escandalosas vexações que até o proprio Nero teve o pensamento de abolir taes direitos, mas que não realisou pela opposição do Senado, que receava a ruina do estado pela falta de rendimentos publicos para sustentar as enormes despezas do imperio. A exação dos direitos do *portorium*, como hoje a cobrança dos rendimentos das alfandegas, era acompanhada do cortejo inevitavel dos vexames, das restricções, das multas, das visitas domiciliárias que tornavam estes impostos os mais importunos e atentatorios contra a dignidade do homem. O doutor Bouchaud, que escreveu a historia completa do *imposto sobre as mercadorias entre os Romanos*, menciona numerosos factos que mostram hem clara-

mente que as tristes consequências d'aquelle erro economico não são recentes e datam desde o estabelecimento das primeiras alfandegas. As falsas declarações, a fraude, as tentativas de corrupção, o contrabando e as violencias que o acompanham são tão antigas como as alfandegas, e não acabarão senão com ellas.

Depois da queda do imperio romano, e durante o longo periodo em que, no cahos das nações, se elaborou a constituição monarchica dos diversos estados da Europa, o imposto sobre as mercadorias continuou, confundindo-se com outros impostos, que vexavam o commercio, dificultaram a livre e pacifica communição dos povos e entorpeciam todo o progresso industrial.

A regularidade começou a manifestar-se depois que a unidade dos estados se rebusteceu com a destruição do feudalismo. O imposto sobre as mercadorias era então puramente fiscal, mas sempre vexatorio e tanto mais quanto mais estreitos eram os circulos das alfandegas, por que em muitos paizes, como na França e na Hespanha que se foram constituindo pela aggregação de pequenos estados, conservaram-se ainda por muito tempo as alfandegas interiores que obstavam ao livre commercio de umas com as outras provincias.

A republica de Veneza, como já dissemos, foi a primeira que fez das alfandegas um instrumento do seu systema commercial e politico, e conduzida pelo seu egoismo antisocial, inventou as prohibições, as intervenções e os regulamentos inquisitoriaes com o fim de se enriquecer, conservando secreta a sua industria. Este pernicioso exemplo foi contagioso, e as outras nações, á proporção que se engrandeciam, o foram adoptando, com prejuizo do progresso geral, que teria sido mais rapido, mais firme e natural, sem estes obstaculos, que a final a civilisação ha de vencer, mas que a retardam, causando grandes perturbações nos interesses industriaes, e suscitando innumeradas difficuldades ao triumpho das verdadeiras idéas economicas.

Os dois ultimos seculos, e ainda o primeiro quartel d'este em que vivemos, presenciaram as exagerações do systema artificial da serenissima republica, fortalecidas pelos erros economicos da balança do commercio e do systema colonial que a sciencia e as revoluções modernas destruíram para bem da humanidade.

Os homens eminentes, que lançaram os fundamentos da economia politica como sciencia de governo, foram os primeiros que abriram profundas brechas nos muros das alfandegas. A Inglaterra, que tinha largamente usado e abusado do systema protector e prohibitivo, reconhecendo que as successivas crises a que estava sujeita a sua industria, apesar do seu engrandecimento, e que a penuria e miseria da população operaria, nasciam principalmente dos obstaculos que as alfandegas, suas e alheias, oppunham á livre troca, collocou-se corajosa-

mente á frente das reformas commerciaes, e inaugurou nova época economica, que já principia a ser fecunda em prosperos resultados.

A Allemanha, aonde a multiplicidade dos estados enleava o commercio n'uma rede inextricavel de alfandegas, inspirada pelo incansavel economista Frederico List, e guiada pela Prussia, realisou um nobre e patriotico pensamento na associação das suas alfandegas, bem conhecida pelo nome de *Zollverein*.

«A reforma das leis commerciaes em Inglaterra e a associação das alfandegas em Allemanha» dizia ainda não ha muito tempo Mr. Lavollée, são os dois factos principaes da historia economica do XIX seculo. Em Inglaterra vio-se o regimen do livre commercio e da livre navegação substituído ao regimen prohibitivo, a aristocracia do solo vencida pela industria manufactora, as influencias politicas deslocadas os partidos desorganizados, uma revolução completa em poucos annos depois de lutas vehementes e definitivamente aceita hoje. Em Allemanha, o *Zollverein* constituiu uma grande unidade no mesmo lugar em que as combinações da politica tinham imaginado a diversidade e a opposição dos interesses: estabeleceu no meio da Europa um foco de actividade industrial e commercial que não tardou em estender-se atravez da multiplicidade dos estados e das complicações das fronteiras; e d'este modo preparou o terreno que está destinado para ser o assento futuro da verdadeira confederação germanica, obra laboriosa e lenta, que apenas está em meio, e que para ser terminada encontrará ainda bastantes obstaculos.»

Incompleta e imperfeita como ainda se acha a liga das alfandegas allemães, consideram-a já os economistas como um dos mais decisivos acontecimentos d'este seculo que pela sua importancia se deve collocar a par da reforma commercial ingleza. Com o *Zollverein* toda a Allemanha lucrou; os estados viram augmentar as suas rendas, o commercio tornou mais activo o seu movimento, e a industria fortaleceu a sua producção. A cada linha de alfandegas que desaparece corresponde sempre um augmento de prosperidade publica e particular.

O Commercio interior da França não pôde tornar-se activo e prospero senão depois que em 1790 foram abolidas as alfandegas que se interpunham entre differentes provincias. Entre a Irlanda e a Inglaterra, entre a Polonia e a Russia supprimiram-se as alfandegas com reciproca vantagem.

Na Italia já em 1847 se preparava a liga das alfandegas do Piemonte, da Toscana e dos Estados Pontificios. Chegou até a assignar-se o tratado, em que se tomava por base a pauta liberal do Grão Duca do da Toscana. Se as perturbações politicas de 1848 fizeram demorar a realisação d'aquella medida, dez annos depois a convenção de Villa Franca resolveu a questão por outro modo e a annexação politica

dos estados da Italia superior fez desaparecer mais algumas alfandegas.

A Hespanha e Portugal começam hoje a sentir-se contrariadas nas suas mutuas aspirações de communhão economica pelo incommodo tropeço das alfandegas que as separam.

Aquillo que a sciencia do governo, o bom juizo, e a isempção de velhas e absurdas preocupações deveram ter feito ha longo tempo, vae ser realizado pela força irresistivel dos caminhos de ferro, instrumentos poderosos da civilisação moderna, diante dos quaes hão de cair os ultimos restos do antigo barbarismo.

A consequencia immediata e indispensavel da construcção da linha ferrea, que de Lisboa se dirige por Badajoz atravez da Hespanha, e que dentro em poucos annos estará em exploração, será pelo menos uma convenção para o livre transito das mercadorias dos dois paizes atravez dos territorios visinhos. Já em 1855 começaram os dois governos a occupar-se d'esta questão, havendo até concordado de parte a parte sobre as bases de um tratado, que talvez se houvera concluido, se os successos politicos que n'aquelle anno ocorreram em Hespanha não tivessem interrompido as negociações. Porém um tratado de livre transito é apenas um paleativo, um remedio de momento, que mal poderia obstar a que o caminho de ferro de Leste senão tornasse completamente inutil para nós debaixo do ponto de vista commercial. A Hespanha poderá por elle fazer parte das suas exportações e importações, porque se põe em communicação facil com o Oceano por um dos mais bellos e bem situados portos da Europa: mas que vantagens dá este caminho ao commercio dos nossos productos com o resto da Europa? Será por elle que havemos de exportar os nossos generos agricolas? Será por elle que receberemos da França e da Inglaterra os artefactos que consumimos?

O que a Hespanha consome dos nossos productos, e os que ella nos dá em troca, permuta-se em toda a extensa linha da raia e não virá aproveitar-se, senão pela minima parte do caminho de ferro.

O tratado de livre transito póde até certo ponto satisfazer ás necessidades da exportação e importação hespanhola, e ao commercio da America com os portos do Mediterraneo, mas para nós é necessario ir mais longe; é necessario abrir um campo livre e desembaraçado ás transacções commerciaes dos dois paizes, fazendo desaparecer das nossas raias essas odiosas e ridiculas barreiras, impenetraveis só para o commercio de boa fé e sempre abertas ao contrabando, se quizermos animar as verdadeiras forças productivas de ambas as nações.

A adopção de um systema commercial, unico para os dois reinos da peninsula, é aconselhado pela sciencia, pela boa rasão, pela moral,

pela historia e pelas conveniências reciprocas de ambos os povos. Esta unidade de systema resume-se na liga das alfandegas.

Ninguem dirá que o estado presente é satisfactorio nem mesmo toleravel; todos, excepto os contrabandistas, reconhecem a necessidade de prompta reforma; porém alguns espiritos de boa fé, mas timoratos em demazia, podem recear que o remedio, que propomos, em vez de corrigir o mal, tenda a agraval-o, ou que na applicação se encontrem difficuldades, insuperaveis para os que não teem convicções fortes, que nos obriguem a adial-a.

É, por tanto, para levar a persuasão aos que duvidam, e chamar a attenção dos que ignoram, que nós, profundamente convencidos da existencia do mal e da efficacia do remedio, nos exforçaremos por demonstrar nos seguintes numeros:

1.º Que o estado presente das nossas relações commerciaes com a Hespanha é insustentavel, e depende principalmente da existencia das alfandegas das fronteiras.

2.º Que a liga das alfandegas peninsulares é não só util e necessaria aos dois povos, mas até facil de realisar sem a menor perturbação nos interesses publicos e particulares.

Pasmar diante de um enfermo, cujo mal se conhece, e para o qual a therapêutica possui remedio efficaç, é inqualificavel e repugnante para todos os que teem coração para sentir, cabeça para pensar, consciencia para distinguir o bem do mal e animo forte para não recuar covardemente diante das difficuldades que a fortuna, o acaso, a ignorancia ou a má fé dos homens podem oppor a tudo o que é justo, bello, ou grande.

J. PIMENTEL.

CHRONICA

N'esta terra o theatro lyrico não é só um passatempo recreativo, uma solemnidade artistica, uma distração apreciavel; é mais, é o unico ponto de reunião de toda a nossa sociedade. S. Carlos facilita e estabelece uma convivencia que fóra d'alli não existe. N'aquella sala e n'aquelles corredores falla-se de tudo e trata-se de tudo. No intervallo de um acto dois negociantes concluem uma transacção; durante um côro de conspiradores dois deputados preparam um cheque ao governo; no final de um tercetto dois elegantes portuenses discutem o corte de uma casaca; ao principiar a aria da dama um folhetinista comenta um dito espirituoso que soltou o seu visinho, dispondo-se a aproveitá-lo na proxima revista, ao concluir o adagio do duetto de tenor e soprano os Roméos acestam os oculos nos camarotes das suas Juliettas. Finanças, politica, litteratura, poesia, amores, ciumes, esperanças, descrenças, calumnias e fanfarronadas, tudo isto e muito mais, decide-se, analysa-se, profunda-se, conta-se, revela-se, propaga-se e ostenta-se em quanto se canta uma opera e se dança um bailado no theatro de S. Carlos. Resta ainda accrescentar o entusiasmo dos *dillectanti*, as luctas dos partidos e os preparos das ovações. Ha noites em que ha mais vida e movimento n'aquelle recinto do que houve durante o dia todo na capital. Lisboa sem S. Carlos é como um corpo sem alma, vegeta mas não vive.

E Lisboa está viuva de S. Carlos. O que deixamos dito é facil de perceber — agora — que nos foi inspirado por este acontecimento. Eis-nos pois na peor época de semsaboria, que é a época de transicção, época que ja não presta na cidade e que não convida a ir logo para o campo. Lisboa boceja e Cintra ainda não acordou.

Voltamos porém a S. Carlos e registemos a despedida, que foi realmente para deixar saudades.

Aquelle *addio* da Lotti e do Fraschini ha de lembrar sempre! *Addio!* diziam entre lagrimas os dois platonicos e ternos amantes; *addio, Ballo di Mascare* murmuravam tambem com tristeza os espectadores.

A nossa opinião musical é muito profana; apreciamos só pela impressão que sentimos. Pedimos pois indulgencia aos entendidos, que são muitos pela

que diariamente observamos nos jornaes. Parece que entre os nossos collegas é raro já o que não mostra uma certa intimidade com Fetic e Scudo. Nós ainda lá não chegámos, mas á força de os ler — os collegas — talvez consigamos travar no futuro, tão proveitosos conhecimentos.

Feita esta declaração, aventuremos o nosso juizo — profano, repetimos — sobre o *Baile de Mascaras*.

Verdi, o maestro que escrevera o *Macbeth*, o *Trovador*, o *Rigoletto* e as *Vesperas Sicilianas*, enthusiasmando-nos sempre, limitou d'esta vez as suas aspirações a deleitar-nos e divertir-nos, escrevendo o *Baile de Mascaras*. N'aquellas partituras mostrou-nos a paixão com todos os seus impetos e arrebatamentos, traduzindo-a nos trechos mais inspirados e energicos; n'esta apresentou-nos o sentimento intimo e doloroso revelando-o em suaves melodias. A *Traviata* foi a primeira tentativa do genero. Talento innovador, Verdi, depois de accommodar dramaticamente á musica a producção de Dumas filho, desprendendo-se talvez das regras e preceitos, e buscando dar ao canto mais a idéa do dialogo do que a impressão geral da scena, quiz ir mais longe no *Baile de Mascaras*, entrelaçando a partitura de scenas de comedia que alegassem de vez em quando o publico. A innovação foi festejada e recebida com bravos e palmas. Os sorrisos musicaes de Verdi foram tão bem comprehendidos como o haviam sido as lagrimas. Aos grandes talentos são permittidos estes desenfadados, porque a centelha de genio ha de raiar sempre n'elles para os justificar. O auctor de *Frei Luiz de Sousa* é tambem auctor das *Profecias do Bandarra*; o cunho do mestre lá está tanto no drama como na comedia — ou farça portugueza. Era rir do riso d'estas que o Visconde d'Almeida Garrett tentou, e conseguiu. Elle bem sabia que podia ser auctor de uma farça, porque havia de ficar sendo a primeira farça nacional.

Verdi, no *Baile de Mascaras*, obteve na nossa scena lyrica um triumpho completo. É verdade que a interpretação foi excellente. Frascini cantou magistralmente e a Lotti divinamente. Tambem á Hensler coube um quinhão de gloria n'esta opera. A parte parecia que tinha sido expressamente escripta para a sua voz. Além d'isso, trajava de pagem, e era um pagem de arrebatar.

Finalmente o *Baile de Mascaras*, é uma composição singela e graciosa que ha de sempre agradar, sendo bem executada.

Na litteratura dramatica ha tambem a mencioner d'esta vez, o apparecimento de duas obras novas. Firma a primeira um nome que manifesta lisongeira vocação para as letras, como já o denunciou n'outras tentativas; e firma a segunda um dos primeiros e mais provados talentos da nossa terra. Debaixo d'este ponto de vista é que a critica deve julgar *Amor e arte* de J. R. Cordeiro, e as *Abençoadas Lagrimas*, de Camillo Castello Branco.

O *Amor e arte*, é um drama de paixão. O enredo basêa-se na historia intima dos amores de um artista, e foi inspirado ao auctor pela leitura de um romance de Emilio Souvestre, intitulado *Gonzalez Cocques*.

N'este drama a paixão é tudo. É ella que produz a acção; é ella que a complica; é ella que promove o desenlace.

Um pintor apaixonou-se por uma donzella nobre e foge com ella. A familia d'esta, persegue-os, e tenta desunil-os. Um rival despresado, incumbem-se da missão, e não hesita diante das maiores infamias para a levar a effeito. Gonzalez para evitar a perseguição, só lhe resta sacrificar a arte ao amor. Todos os asylos que buscava eram denunciados pelos seus quadros. Quebra, pois, o pincel para esconder-se inteiramente.

Esta resolução suprema do amante dá em resultado a morte do artista.

A fabula é tocante; mas demasiado singela para as exigencias de uma composição dramatica. Todo o interesse está no dialogo. Na elevação d'este e no perfume poetico de que o auctor o revestiu, consiste o principal merito da obra, que, por esta mesma razão, é mais para a leitura do que para a scena, apesar do lisongeiro acolhimento que obteve.

O perfeito desempenho de dramas de tal ordem é da primeira difficuldade. Cumpre, todavia, confessar que o Sr. Tasso e a Sr.^a Manuela Rey esmeraram-se na interpretação.

Passando agora ás *Abençoadas Lagrimas*, de Camillo Castello Branco, diremos que é uma producção de subido merito litterario, e como trabalho dramatico o melhor que o distincto escriptor tem feito. Na urdidura e na disposiçao geral de cada acto apresenta mais regularidade do que nas anteriores composições, o que prova haver estudado attentamente o genero, que só por desenfado, tinha até hoje cultivado.

Todos os caracteres estão bem desenhados, sobresaindo pela delicadeza dos traços o typo nobre e sympathico de *Augusta*, a mulher verdadeiramente mulher, como toda a alma sincera e crente a sonhou uma vez na vida.

No drama *Abençoadas Lagrimas*, ha bellas e admiraveis situações, não devidas a essas mollas gastas, em que nem sempre a verosimilhança é mantida; mas nascidas de verdadeiros e naturaes estimulos de sentimento. Situações d'estas, são mais para o coração e para o espirito as apreciar, do que para despertarem a curiosidade e o enthusiasmo momentaneo das platéas. A penultima scena do 1.º acto entre a *Baroneza de Fanzeres* e *Augusta* é das mais bem escriptas que conhecemos. Pungem e dilaceram as phrases amargas que o ciume dicta á esposa; poem e commovem as expansões dolorosas que o coração lhe inspira.

Como dialogo espirituoso citaremos o do 2.º acto entre *Cunha Jorge*, analysando aquelle uma carta de amores, e cujos commentarios realisam a mais fina satyra.

Poderiamos notar na mechanica das scenas algumas imperfeições, mas são estas tão secundarias e estão compensadas por tamanhas bellezas que só n'uma analyse rigorosa do drama cabia fazel-o, e não n'uma apreciação singela e rapida como a que aventuramos e que fomos obrigados, ainda assim, a resumir por falta de espaço.

Remataremos dizendo, que, o que dá a maior valia e o maior realce ao drama *Abençoadas Lagrimas*, são os primores de linguagem que encerra. As brillhantes qualidades do romancista manifestam-se no dramaturgo, e é por isso que as suas composições scenicas produzem maior effeito ouvindo-as ler no gabinete do que assistindo á representação no theatro.

É que a acção está na s na palavra do que na contextura da peça.

Prosiga, porém, Camillo Castello Branco cultivando o theatro, e profetisamos-lhe que o dramaturgo ha de egualar ainda o romancista.

O drama foi distribuido ás Sr.^{as} Emilia das Neves, Emilia Adelaide e Delina, e aos Srs. Rosa, Tasso, Sargedas e Marcolino, empenhando-se todos na sua boa execução, que foi digna da primeira scena nacional. Os applausos do publico confirmaram em todas as recitas o que avançamos.

No papel da protogonista Emilia das Neves commoveu deveras a platéa, revelando-lhe com verdade, as abençoadas lagrimas de *Augusta*.

ERNESTO BIESTER.